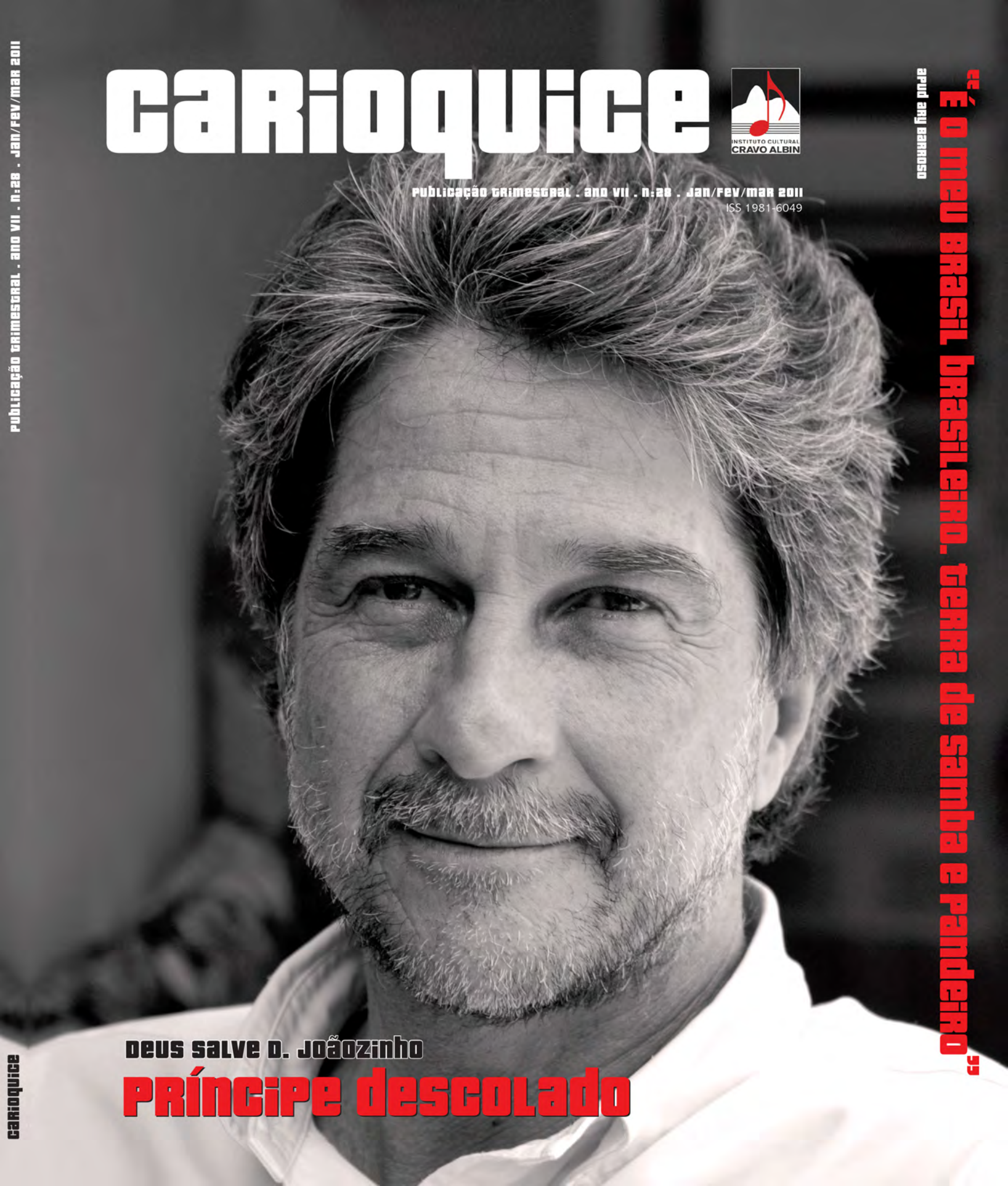
publicação trimestral . ano VII . n:28 . jan/fev/mar 2011

carioquice

INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN

publicação trimestral . ano VII . n:28 . jan/fev/mar 2011
ISS 1981-6049



"É o meu brasil brasileiro, terra de samba e pandeiro"
apud ary barroso

Deus salve D. Joãozinho

Príncipe descolado

carioquice

www.vale.com/descobridores

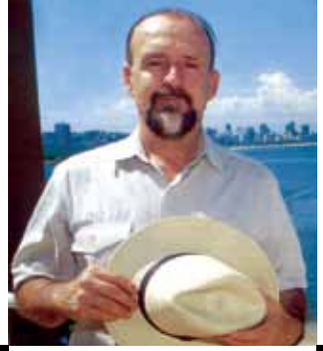
Por trás de uma vida existem muitas outras.

Gente

Pessoas são a maior riqueza da humanidade. Nos perguntamos todos os dias: Como cuidar de cada uma delas? No mundo todo, o cuidado com a vida é um dos nossos valores fundamentais. E, como descobridores, buscamos sempre novas formas de inovar. De ir além. Por isso, investimos em treinamento, saúde e segurança para que todos aqueles que fazem hoje a mineração do futuro trabalhem seguros. Porque a gente sabe que por trás de uma vida existem muitas outras.

Vale. Não existe futuro sem mineração. E não existe mineração sem pensar no futuro das pessoas.

VALE



onde estão os tamborins?

Esquina do Ricardo

Tanto quanto o incêndio sentimental nos corações dos amigos provocado pela morte do nosso conselheiro Raphael de Almeida Magalhães, o incêndio (literal) de fevereiro (pouco antes do carnaval de 2011) na Cidade do Samba também muito me abateu. E me comoveu, porque bem sei dos esforços daquela gente humilde nos barracões para preparar um desfile de tantas e tão insuspeitas originalidade e magnitude. De mais a mais, e isso será remetido ao futuro das pesquisas de sociologia e até antropologia, o Rio produz o mais surpreendente desfile popular do mundo, envolvendo, é claro, rasgos e traços civilizatórios de essência do povo carioca. A pergunta acima, se bem que nada tenha a ver com as escolas vitimadas, até porque elas souberam dar a volta por cima com a garra e as emoções habituais, foi feita pelo festejado compositor Pedro Caetano à Mangueira, que andava mais pra lá que pra cá no finalzinho dos anos 40. Pois bem, Pedro Caetano — famosíssimo autor da MPB dos anos 30 aos 60 — nasceu há exatos cem anos. E se soma em 2011 a centenários a serem reverenciados: gente do quilate de Nelson Cavaquinho, Assis Valente, Mário Lago e Synval Silva, para citar apenas quatro dos que o Instituto Cravo Albin perfilará ao longo do ano.

Para Pedro Caetano foi elaborada no Instituto da Urca, que cuida de polir memórias que valem a pena, uma série de festejos. Que culminaram não apenas com show de artistas de excelência, como também com exposição curiossíssima. Na qual se perfilaram partituras, fotos, discos e objetos.

Pedro é autor de joias tanto de carnaval (É com esse que eu eu vou, Eu brinco e Onde estão os Tamborins) quanto de música de meio de ano — assim chamávamos nós, os velhinhos, todo o repertório não carnavalesco. Sambas, valsas e canções essas que eu perfilei em 1984 no show da antiga FUNARTE. "É com esse que eu vou", quando o próprio Caetano, ao lado de Marlene e Céu da Boca, cantava o melhor do repertório do homenageado. Lembro-me que um dia resolvemos celebrar a eterna Miss Martha Rocha, que subiu ao palco e cantou com Marlene a marchinha 'Duas polegadas': "Por duas polegadas a mais / Passaram a baiana pra trás / Por duas polegadas / E logo nos quadris / Tem dó, tem dó, seu juiz..."

Bons tempos em que o Rio, os políticos, as ruas e o cotidiano eram comentados em reveladoras (da alma do povo) marchinhas de carnaval. Tão saudosas hoje quanto os confetes e as serpentinas...

sumário

carioquice

Nº 28 JAN/FEV/MAR 2011
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

4 Um mestre violeiro que pinta e borda

12 Nas ondas da internet

18 Prelúdios da sonoridade modernista

Saga Carioca

24 Retrato sem retoques da nobreza

34 Ator, sublime ator

Pitaco Carioca

40 O Antonio's de todos os santos

Causos e Letras

42 Atravessando o deserto do Nássara

48 O mais estiloso dos estilosos

Do bem comer e melhor beber

54 Milagre dos peixes

Magia do Olhar

64 Imagens do inconsciente carioca

Embaixador do Rio

72 Bebeto bom de bola
Por Carlos Alberto Gouvês Chateaubriand

Nota da Redação: Esclarecemos que o trecho da letra da música Sonho, de Egberto Gismonti, publicado na edição de número 27 de Carioquice, contém incorreções. A frase publicada foi "Sinto que ora salto. Meu foguete some queimando espaço". A forma correta é "Sinto que é hora salto. Meu foguete segue queimando espaço."

ENGEVIX
BVA Banco BVA S.A.
BANCO BMG
Companhia Müller de Bebidas
LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

expediente

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli
Júlia Santhiago

ARTE
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
José Neves de Oliveira
Rubens Sylvio Costa

CAPA
Adriana Lorete

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Ancelmo Gois
- André de Barros
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cícero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel De Plá
- Eva Mariani
- Francis Hime
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- João Mauricio de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- Jorge Goulart
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Bueno
- Júlio Lopes
- Lan
- Lélia Coelho Frota✞
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luís Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga✞
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães✞
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71 / 14º andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Sansão Alves dos Santos, 76 / 7º andar · Brooklin · SP ·
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 5502-3844
email: clementeinsight@uol.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

nbs

A GENTE LEVA EDUCAÇÃO E CULTURA A LUGARES QUE FICAM BEM LONGE. AO FUTURO, POR EXEMPLO.

Oi Futuro é o instituto de responsabilidade social da Oi que trabalha para transformar a vida de milhões de brasileiros.

Em 10 anos, já beneficiamos mais de 4 milhões de pessoas, através de programas próprios nas áreas de educação, cultura, esportes e social, além do apoio a iniciativas de outras organizações via seleção por edital. É assim que estamos inserindo cada vez mais brasileiros no mapa da cidadania.

OIFUTURO.ORG.BR

OI FUTURO

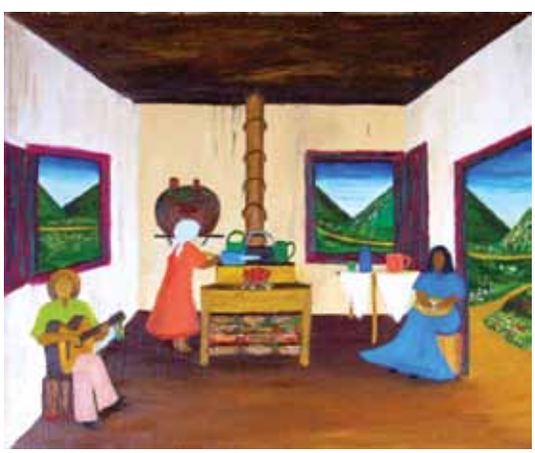
Um mestre violeiro que pinta e borda

POR KELLY NASCIMENTO

Música, pintura, poesia. Cataguases, Juiz de Fora, Rio de Janeiro. Santa Teresa. Lugares, tons e sons que construíram a obra deliciosamente regional, mas também universal, de Messias dos Santos, verbete do Dicionário Cravo Albin da MPB. Ou melhor, Mestre Messias, como é carinhosamente saudado nas ladeiras de Santa. Do alto de seus 69 anos, o baluarte da tradição violeira, enfim, tem sua música registrada em CD, inspirado em memórias e *causos* de suas andanças artísticas que Carioquice esmiuça a seguir.

A história de Mestre Messias começa em 1942 nos grotões de Minas Gerais. Especificamente em Cataguases. No ambiente intrinsecamente rural, levava-se a vida no compasso do carro de boi. A família Santos — o pai, seu Augusto, a mãe, dona Rufina, e os cinco filhos — vivia do trabalho no campo, numa fazenda da região. E o som da viola caipira de seu Augusto preenchia as horas vagas. "Lembro-me de meu pai tocando por ocasião da Folia de Reis. O padre da paróquia do arraial convidava a Folia de Reis para tocar na igreja, na festa do padroeiro. É claro que toda a região ia, porque tinha a Folia. E nós, que éramos crianças, também íamos. Era bom comer torresmo, aipim. Já os grandes, além de comer o torresmo de barriga, bebiam cachaça", lembra.

Quando seu Augusto morreu, Messias tinha 8 anos. Por questões de sobrevivência, a família se dispersou e o menino Messias ficou trabalhando sozinho em uma das fazendas locais.



Ricardo Beliel

"Levaram-me para um interrogatório, até que um sargento interveio: onde já se viu um comunista negro!? Pode soltar o cara"

Alguns anos depois, migrou para a cidade, foi trabalhar numa fábrica. Por sorte, a tal fábrica tinha uma banda. E logo Messias se aproximou dos músicos, com quem passava as horas vagas. As partituras foram o caminho para que ele se interessasse não só em ler e escrevê-las, mas palavras. Até então, o garoto não tinha contato algum com mecanismos de aprendizado formal. Nessa época, Messias aprendeu também a tocar violão, trompete e percussão. "Esses instrumentos eu aprendi tocando sozinho, porque lá não tinha professor. Era só ser curioso, pegar o instrumento e começar a trabalhar. Sempre chegava um músico e orientava: 'faz desse jeito que é melhor', aí acabava aprendendo", recorda.

Messias gosta de explicar que "veio para o Rio passando por Juiz de Fora". Isso porque, de Cataguases, a próxima parada seria Juiz de Fora, onde viveu uma rotina musical intensa. "A gente fazia música de baile, tocando na roça, na cidade e nos clubes. Éramos os músicos da cidade. Então, comecei também a ser o compositor da cidade. Fazia músicas que os estudantes gostavam de apresentar nos comícios pró-João Goulart e pelo movimento que ele fazia pela reforma agrária. Isso foi em 1961." Na época, conquistou fãs, entre eles o estudante Itamar Franco.

O clima festivo tinha prazo de validade: abril de 1964. "O golpe militar, por acaso, saiu de Juiz de Fora, porque lá era a 4ª Região Militar. A ação para derrubar Jango partiu de lá. Daí em diante, todas aquelas músicas que fazíamos em solidariedade a esse movimento foram proibidas. Não se podia mais cantar nem tocar. Achei melhor passar a tocar contrabaixo e bateria, porque esses não eram instrumentos para a música de protesto."

A manobra, no entanto, não o safou de um inquérito policial. "Levaram-me para um inter-

rogatório até que um sargento interveio: 'onde já se viu um comunista negro!? Pode soltar o cara'", recorda entre gargalhadas. "E pensar que em Juiz de Fora a gente nem sabia o que era comunismo. A gente pensava que comunismo era o João, do contrabaixo, beber cachaça como ele bebe. Isso é comunismo", filosofa, entre mais gargalhadas.

Do aprendizado na terra de São Sebastião

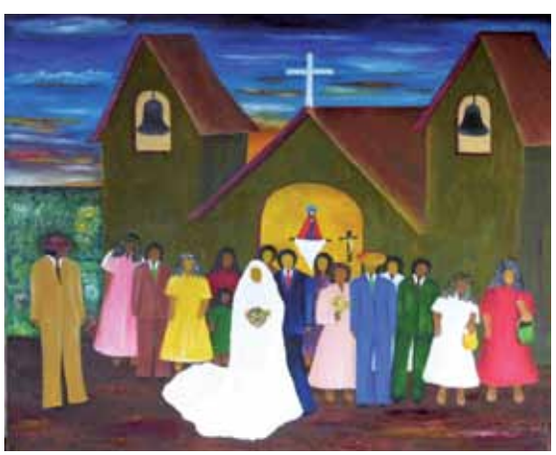
Com Juiz de Fora transpirando repressão, o jeito era pousar em outro galho. E foi assim que, em 1966, ele desembarca no Rio. Logo se junta a uma turma decisiva para a evolução da MPB. "Aqui eu fui viver com Nelson Sargento, Cartola... um pessoal que fazia samba. Convivia também com os músicos que trabalhavam à noite, em Copacabana. Estava sempre tocando, mas gostava mais do pessoal do samba, que tinha mais a ver comigo. Então comecei a misturar canções mineiras às cariocas."

Entre um samba e uma canção mineira, Messias vai estudar. E não para mais. "Fiz o Primeiro Grau em um ano e passei. Diante disso, minha ex-mulher disse: faça o Segundo Grau, é fácil. Mais uma vez tive êxito. E foi a vez de a minha ex-sogra sugerir que eu fizesse o vestibular. Fiz e passei para História, na PUC. Fui estudar e aí que começou minha luta. Já tinha aquela bagagem de Juiz de Fora, de Cataguases, da música, dos bailes, da etnomúsica, das composições. Mas nunca tinha estado dentro de uma universidade para estudar." Mesmo assim, ainda sobrava tempo para ir à Serrinha, em Madureira. "Ia ao terreiro de jongo da Vovó Joana, sempre com o Darcy."

Villa-Lobos e a invenção da etnomúsica

Embrenhando-se na mata da etnomúsica, Messias foi parar na Escola de Música Villa-Lobos. Naturalmente, não passou despercebido. "Comecei a fazer jongo com Darcy, e uma série de apresentações com estudantes, e acabei dando aulas de música na Escola. Foi um deus nos acuda, era uma coisa muito grande, porque tive de criar uma cadeira sobre Etnomúsica, que substituiria a cadeira de Folclore. Criei e a Escola começou a entender, a fazer movimento sobre essa cadeira."

A nova disciplina foi pensada assim: aproveitar a pedagogia da cadeira oficial, que era da formação em música erudita, para pôr os holofotes na música de tradição oral. Esse é o conceito de etnomúsica criado por Messias. "A partir da ideia da educação não formal, foram-se descobrindo esses universos que podiam ser mais ligados ao improviso e à criatividade do que a leitura decorada. Deu muito certo porque a gente mexia muito com os movimentos rítmicos. Por meio dos ritmos, achava-se o fio melódico, a postura instrumental, ia-se descobrindo. Essa cadeira acabou parando lá em Cabo Frio com o maestro Ângelo Bodega. Com essa metodologia da educação não formal, ele conseguiu ensinar muitas crianças. O projeto aprovado pelo governo federal já tem 17 anos."



Tanta revolução começou a criar celeuma na escola. "Levei o Darcy para dar uma aula de atabaque de terreiro, já que todos os percussionistas foram estudar atabaque com ele. Aí a escola caiu de pau em cima de mim. O diretor de lá tinha me convidado para ajudá-lo, para ser o diretor adjunto da escola. Disseram: 'puseram um negro na direção adjunta e a escola virou terreiro'", ri.

Com tanta pressão, Messias acabou se afastando da escola e deu um novo rumo à vida: começou a pintar. Mais uma vez de forma autodidata. E não mais parou. Foi arriscando traços, aprimorando-se, jogando nas telas suas memórias de infância: bois, Folia de Reis, baile de roça, trabalhadores rurais etc. Mais que as memórias do artista, as pinturas são o resgate de um Brasil rural caído no esquecimento da maioria.

Nessa época também passa a cuidar de um casarão cultural em Santa Teresa, que acabaria tendo papel fundamental na valorização do jongo que a cidade testemunhou em fins da década de 1990 e anos 2000 adentro. "Fiz um trabalho com as crianças e os adolescentes, comecei a criar o centro de estudo de música, que passou a se chamar Núcleo Experimental de Música, onde hoje é o Centro Cultural Laurinda Santos Lobo. Convidei o Darcy para vir para cá trabalhar jongo com os estudantes. Foi assim que o jongo veio para Santa Teresa. Levava para ele os estudantes de corda e percussão e como um mestre de percussão da melhor qualidade, podia trabalhar com o grupo, inclusive a parte vocal. Foi assim que despontaram a Luciane Menezes, o Marcos André, entre outros. Foram os estudantes que foram até a Serrinha, em Madureira", lista.

O VIOLEIRO RETRATADO

Em mais de 50 anos de estrada, Mestre Messias teve composições suas gravadas por nomes como Elza Soares, Leny Andrade e Rosinha de Valença. Nunca por ele mesmo. Até que, em 2000, deparou-se com um flautista francês, Bertrand Doussain, e um produtor alemão, Michael Sexauer. A dupla decidiu começar a gravar Messias cantando. Com o material que tinham em mãos, logo se empolgaram em transformar aquilo num CD, que só se materializa agora em 2011. Assim começa a surgir o que seria "Retrato de um violeiro". "Messias tem um carisma único. No palco, ele fascina.", tieta Sexauer.

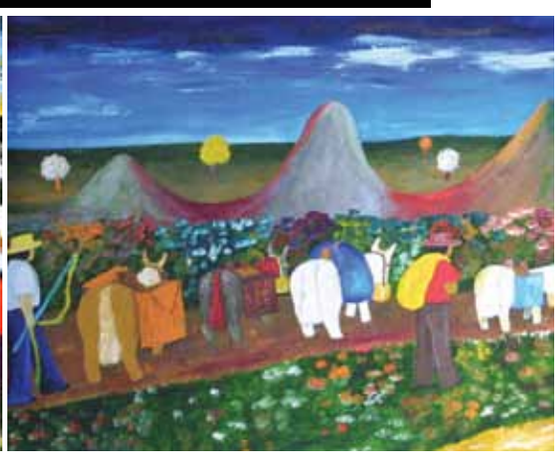
"Estava querendo ir embora do Rio, quando surgiu o Michael dizendo que tinha um estúdio e uma produtora. Como havia essas canções que eu já estava esquecendo, que só existiam na memória, achei por bem gravá-las para registro. Então o CD só tem canções que eu não cantava há muito tempo", diz Messias.

À missão foram se aglutinando amigos de Messias, e o disco traz as participações de Robertinho Silva, Carlos Negreiros, Yassir Chedeak, Tomás Improta e muitos outros. "Nossa preocupação foi fazer um disco que representasse o Messias autêntico. A ideia era traduzir em acordes essa simplicidade sofisticada que ele tem. Optamos,

então, por um álbum 100% acústico. Também nos preocupamos com o ritmo do disco, que traz canções da década de 1970, quando o mundo era efetivamente mais lento. Tentamos resgatar essa atmosfera", explica Sexauer.

As 14 canções do álbum trazem influências de Minas e do Rio. Assim, o samba "Negro carioca" homenageia Cartola e fala do cotidiano da favela de então. "Naquela época, os barracos eram de madeira, o fogão era fogareiro e as panelas eram latas de gordura de coco Carioca, que também serviam para

"O pessoal da Bossa Nova gostava de cantar o amor. Era aquela coisa de um amor, um sorriso, uma flor. Aí fiz essa canção, estilo bossa nova."



batucar. E o samba nascia assim", teoriza.

Em "Pra nós todo", é a vez de homenagear João Gilberto. "O pessoal da Bossa Nova gostava de cantar o amor. Era aquela coisa de um amor, um sorriso, uma flor. Aí fiz essa canção, estilo bossa nova."

As coisas do Rio também inspiram a faixa "São Sebastião", em que o padroeiro da Cidade Maravilhosa é apresentado sob a ótica do sincretismo. "Comparo o santo a Oxóssi. E falo um pouco da tradição negra também. Quem escuta me pergunta: como você conseguiu ligar o tronco de São Sebastião ao tronco dos negros da colônia? E respondo: tronco é tronco, rapaz!", diverte-se. E Minas entra em temas como "Cotidiano", que foi proibida pelos militares; na canção caipira "O boiadeiro"; na rural "Roda de milho", e por aí vai.

No fundo, o CD representa a realização de um sonho antigo de Mestre Messias. Não à toa, quando perguntado sobre o que mais gosta de fazer no momento, responde, sem titubear: "Ouvir essas músicas do CD e ficar refletindo." Em tempo: "Retratos de um violeiro" estará disponível para venda no site www.mix.art.br/mestremessias, logo depois do carnaval.

A viola e o Rio

Viola de arame e violão são especialidades de Mestre Messias. "A viola é um instrumento da minha família, de Minas Gerais. Meu pai era mestre de Folia de Reis, violeiro, calangueiro. Tocar para a gente era uma tradição."

Messias ajuda a entender um pouco como os instrumentos se relacionam com a história do Rio, a partir do século XVI. "A viola é um instrumento que foi introduzido no Brasil colonial pelos jesuítas. O intuito era catequizar os índios, pela música. Mas parece que eles não gostaram da viola. Foram os lavradores, que vieram para trabalhar a agricultura de subsistência, que começaram a usar o instrumento que se foi tornando profundamente rural", explica.

O instrumento – que é acarinhado com um amplo projeto ainda sem patrocínio pelo ICCA provendo cursos de violas e até uma Orquestra Fluminense de Violeiros – foi chegando a cada região brasileira, com suas peculiaridades. "Cada estado tem uma natureza de viola, nenhuma é do mesmo jeito. Em Minhas Gerais ela tem uma característica, que é a que eu toco; em Mato Grosso é a viola de cocho, de arame. No Rio Grande do Sul, difere pelo jeito de dedilhar, de tocar. No Rio ela não se expressou muito porque aqui o forte eram as modinhas, não moda de viola, era outro estilo de canção, tipo valsa. Eu até compus uma. O mais interessante é que aqui no Rio esse processo iria criar gente como João Pernambuco, Villa-Lobos, violões de alto nível", ensina.

Outra particularidade do violão tocado no Rio se deve à influência dos sambistas. "O pessoal do samba começou a usar o violão para harmonizar o samba cantado. E assim foi nascendo esse violão popular, que depois virou bossa nova. Mas para tocar o violão popular é preciso conhecer bem a técnica erudita", dá a dica. Para aprofundar o tema, Messias pretende organizar um movimento de viola na cidade do Rio, com um calendário fixo de concertos.

Nota da Redação: no dia 26 de fevereiro, durante o fechamento desta edição de Carioquice, Mestre Messias faleceu, em sua casa, em Santa Teresa.

Nas ondas da internet

por Kelly Nascimento

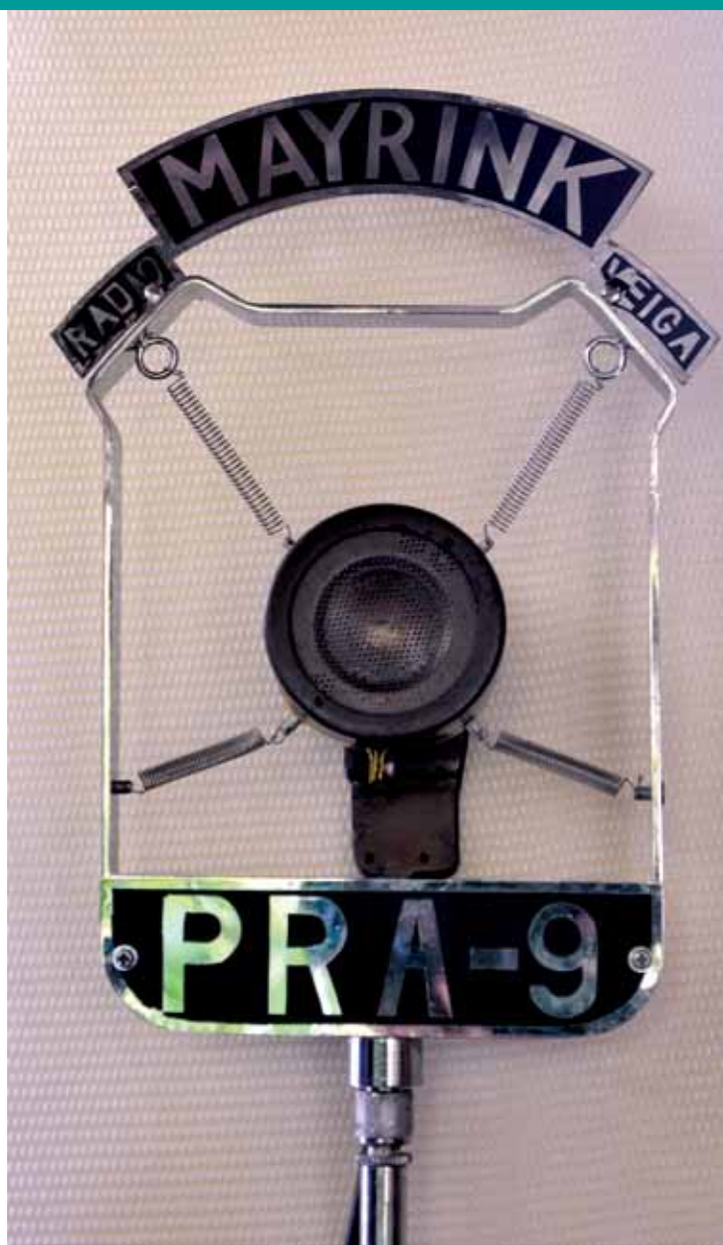
Da era do rádio à da internet. O Instituto Cultural Cravo Albin cria novo capítulo na história do rádio brasileiro. Capítulo digital, diga-se de passagem. Falamos da Rádio Dica da MPB (www.dicadampb.fm) e, também, com botões de acesso imediato nos sites do Dicionário e do ICCA – que nasce sob a aura da inovação ao disponibilizar na internet o melhor da MBP no período de 1811 até os dias de hoje. A MPB a um clique de distância.

Equipe da rádio digital www.dicadampb.fm no ICCA

"A Rádio Dica da MPB já nasce sob os auspícios de uma dupla significação, que se integram e se qualificam. 'Dica' é sinônimo de sugestão e também do Dicionário Cravo Albin da MBP *on-line* (www.dicionariompb.com.br). Ou seja, a partir do nome, a rádio tem sua originalidade explícita: unifica o prazer de ouvir música e a possibilidade de o ouvinte ser imediatamente informado de detalhes sobre a composição, remetendo cada interprete e compositor ao verbete que está sendo objeto de audição", detalha Ricardo Cravo Albin.

Essa interatividade, aponta Ricardo, é o que diferencia a Dica da MPB das outras rádios *on-line*. "Isso porque as rádios usualmente exibem apenas o prazer de ouvir a música preferida de cada um — o que não é pouco. A nossa agrega o prazer à possibilidade de informação residual do intérprete/compositor da música que está sendo executada."

O.k., a interatividade é única. Mas o diferencial da Dica da MPB não é apenas esse. Para começar, o acervo do próprio Instituto — do alto de seus 30 mil discos de 12, 10 e 8 polegadas, 2 mil fitas sonoras em rolo, 700 em cassete e 5 mil CDs — é de tirar o fôlego de qualquer pesquisador



O ouvinte tem acesso à MPB em várias vertentes: seleção de gênios; MPB por estrangeiros; a diversidade da MPB; a fina flor da bossa nova; vozes do Brasil; saudades de Paulo Moura; o prazer do Choro; vozes populares em gravações originais; vozes românticas; século XX - ano a ano

"A rádio é o canal que permite ter acesso a fotos de discos, conteúdo masterizado, dados do autor, verbete (associado ao Dicionário da MPB), caricatura, discografia, críticas, livros etc."

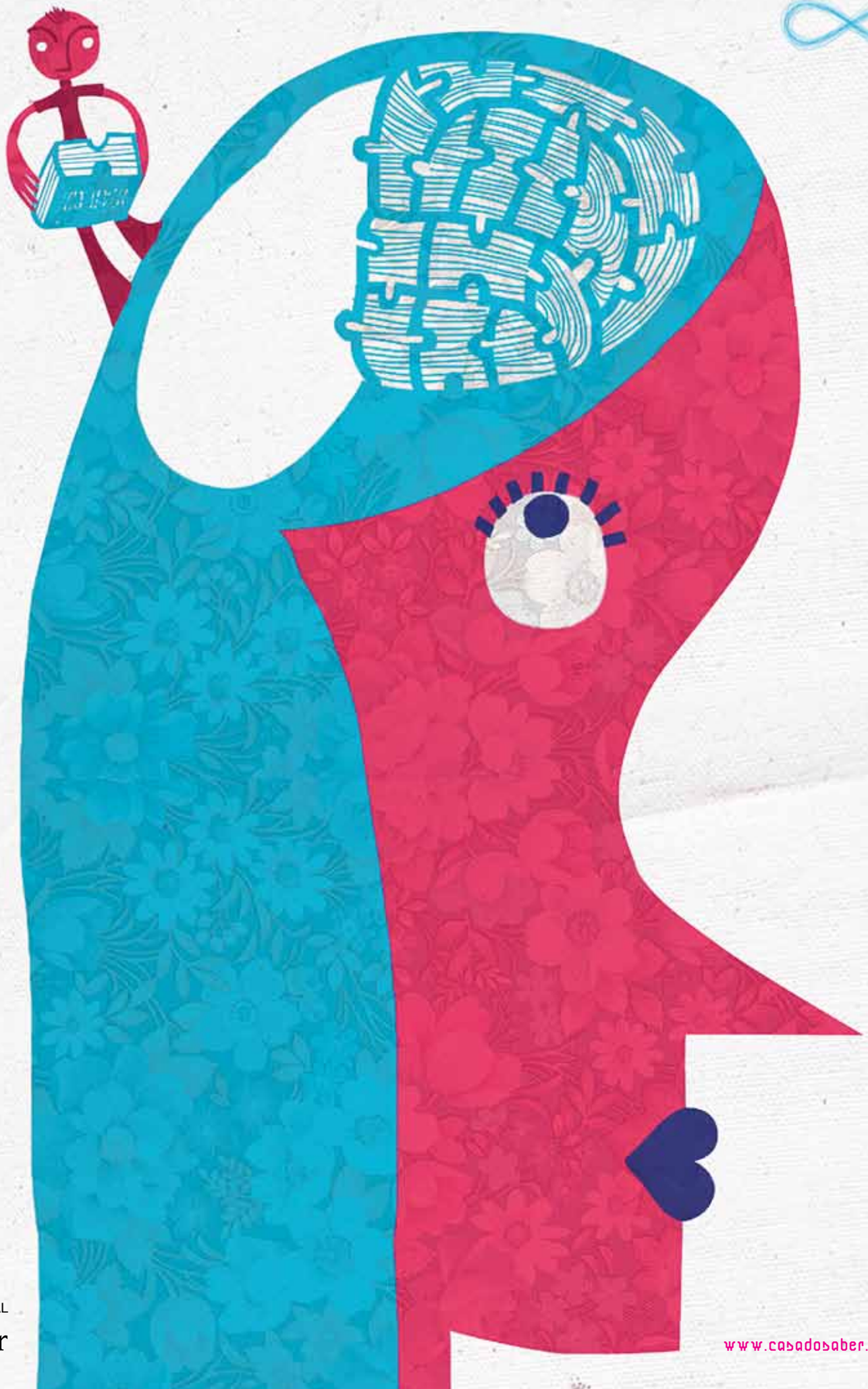
André de Barros Pinto, diretor da Digicast

ou amante da música. Sem contar o conhecimento único do próprio Ricardo, que emprestou décadas de *expertise* à empreitada. Por esses e outros fatores, a Rádio Dica da MPB é ímpar.

O formato concebido por Ricardo apresenta a produção popular da música brasileira por meio de dez canais, aos quais a cada mês se agregarão novos itens (canais). Isso permite ao ouvinte acesso à MPB em, inicialmente, dez vertentes diversas: seleção de gênios; MPB por estrangeiros; a diversidade da MPB; a fina flor da bossa nova; vozes do Brasil; saudades de Paulo Moura; o prazer do choro; vozes populares em gravações originais; vozes românticas; século XX – ano a ano. Logo virão Noel Rosa, ainda em seu scentenário, Década à década da MPB, 50 Anos ADDAF etc.

O embrião

Para viabilizar tecnicamente a empreitada, Ricardo contou com a consultoria de André de Barros Pinto, diretor de Tecnologia do ICCA e da Digicast. "Eu trabalhava antes na Sociedade Geral de Autores da Espanha. Quando a gente sai do país, percebemos que o repertório brasileiro não está representado lá fora. Há dois anos, eu e Ricardo nos sentamos em Madri para começar a estruturar uma grande base de dados para o Brasil, a partir do fonograma, não dos direitos, pois estes já estão representados. A gente tinha essa ideia de fazer um projeto para o Brasil, com as entidades brasileiras, para pro-



5 ANOS CASA DO SABER RIO

PARCERIA SESCRIO

PATROCÍNIO INSTITUCIONAL

Santander

www.casadosaber.com.br

moção do repertório nacional, utilizando todo processo de documentação internacional, com os quais trabalhei na Espanha e nos Estados Unidos", recorda.

André explica que, na verdade, o ICCA está criando uma grande base de dados. Ou melhor, de metadados. Com conteúdo baseado no repertório brasileiro. "Os metadados são públicos e estão dentro do *standard* internacional. Deveriam ser mais difundidos. O que estamos fazendo é a correlação. O primeiro projeto de visualização disso, para que as pessoas entendam, é a radio, um produto que permite visualização mais fácil", avalia.

Para ele, a Dica da MPB é a ponta de um iceberg estruturado com preciosas informações musicais. "A rádio é a materialização desse projeto. É o canal por meio do qual é possível ter acesso a, por exemplo, foto do disco que contém determinada música, conteúdo masterizado, dado do autor, o verbete (associado ao Dicionário da MPB), a caricatura, a discografia, as criticas, os livros etc. Uma lista vasta de informações", enumera.

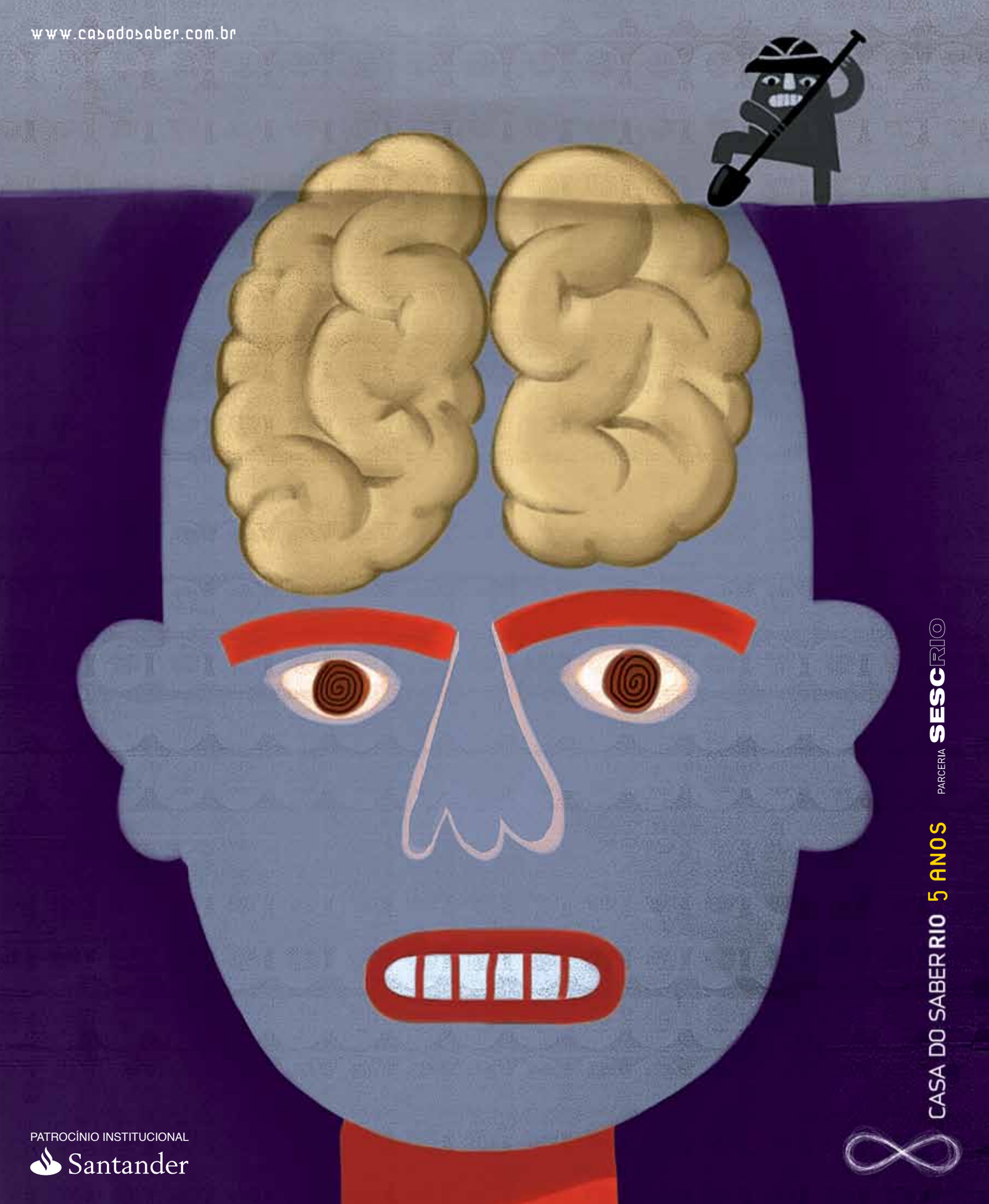
Por dentro da programação

O acesso à Dica da MPB é gratuito e foi financiado pela Faperj, habitual apoiador do Instituto. Esse financiamento, além da estruturação e do custeio do projeto inicial, permitirá a devida remuneração a quem tem direito sobre as composições. "Nós estamos esperando a adesão das sociedades arrecadadoras de direitos autorais e conexos. Defendemos o justo direito e a remuneração ao autor de cada música e de cada fonograma. Em resumo: traçamos um heroico caminho oposto ao território livre da internet, em que tudo pode ser subtraído de seus devidos autores", destaca Ricardo. A questão da remuneração é uma preocupação também para o diretor de Tecnologia. "Agora estamos dando um *upgrade* no conteúdo, colocando os áudios, e interligando-os a várias bases de dados. Vão ser vários hiperlinks. Tudo isso tem de ser licenciado. E estamos atentos para que os reais detentores dos direitos sejam remunerados", justifica André.

Para estruturar a rádio, foi utilizado um *software* americano da empresa RCS, um dos melhores do mundo em *broadcasting* na internet. "Adaptamos para uso no Brasil. Desenvolvemos tudo com financiamento da Faperj, no que diz respeito à rádio. Já para pôr a rádio no ar, foi necessário outro projeto, contemplando variáveis como pagamento de direitos, fazer programação o mais rápido possível do acervo do ICCA, plano de marketing, de contingência, de conexão com outros bancos de dados etc.", explica André.

São detalhes que reiteram o pioneirismo do projeto que, obviamente, não para por aí. "Queremos fazer programas de rádio com os pesquisadores do ICCA e de outros Institutos conveniados/parceiros e disponibilizá-los *on-line*, já que todo o projeto será acessado na internet pelos parceiros. Assim, rádios do interior do Brasil poderão solicitar ao ICCA, *on-line*, esses programas. Temos de estudar alternativas como essas. Pois, quando acabar a verba governamental, precisaremos de dinheiro para continuar mantendo a rádio e também formas de sustentabilidade do ICCA — quer seja por doação, remuneração por repertório difundido etc. Isso porque, como entidade sem fins lucrativos, podemos exercer o papel de terceira parte não interessada no uso somente comercial e sim dar valor a promoção de antigos repertórios, resgate de intérpretes não usuais na mídia, promoção cultural etc. Ou seja, não se entraria no circuito comercial propriamente dito", explica André. Música com cultura e pesquisa de primeira linha legalmente disponível e ao acesso de todos.

www.casadosaber.com.br



CASA DO SABER RIO 5 ANOS PARCERIA SESC RIO

PATROCÍNIO INSTITUCIONAL

Santander

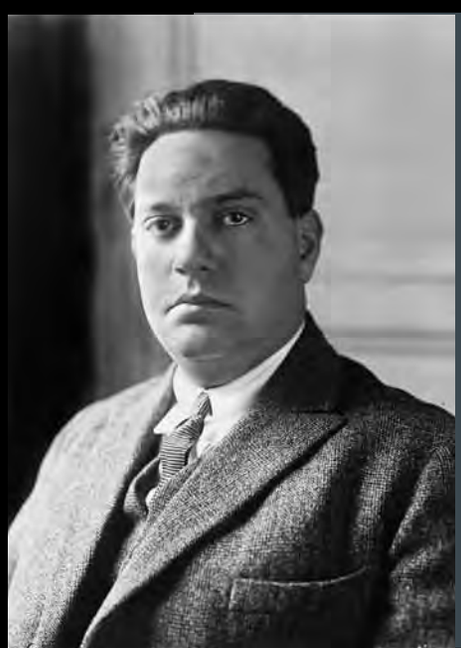
Prelúdios da sonoridade modernista

por **Mônica Sinelli**

Uma década antes da histórica Semana de 22 em São Paulo, o Modernismo já despontava no Rio de Janeiro, pelo menos na área musical. É o que revela O Círculo Veloso-Guerra e Darius Milhaud no Brasil, livro de Manoel Corrêa do Lago, que, a partir de documentação inédita, descoberta na França, refaz em detalhes esse precioso período cultural, tendo a sofisticada cidade maravilhosa da *belle époque* como cenário.

Musicólogo e economista, Manoel Corrêa do Lago acaba de transformar em livro sua tese de doutorado, defendida em 2005, na UniRio, e que obteve no ano seguinte o Prêmio Capes de Teses, para trazer a público a participação dos músicos Godofredo Leão Veloso, Nininha Veloso Guerra e Oswaldo Guerra nas relações do dublê de compositor e adido cultural francês Darius Milhaud — que viveu aqui entre 1917 e 1918 — com o Brasil. Lançada pela Reler Editora, a publicação, com 288 páginas, nas palavras de apresentação do jornalista Luiz Paulo Horta, "desmancha alguns conceitos, como o de que teríamos esperado Rubstein, Milhaud e os Ballets Russes para tomar contato com o que faziam os mestres do impressionismo desde os começos do século XX". O estudo de Corrêa do Lago, resume Horta, reconstitui "um período tão importante quanto esquecido da vida musical do Rio de Janeiro".

Ilustrado com fotos, fac-símiles de manuscritos



Darius Milhaud

e partituras, programas de concertos, críticas de jornais da época, desenhos e autógrafos — além de muito material inédito, como o repertório de composições e transcrições realizadas pelos integrantes do Círculo —, o livro inventaria o desembarque de Darius Milhaud (1892-1974) no Brasil, para trabalhar na missão diplomática do então embaixador francês Paul Claudel, em pleno fevereiro de carnaval carioca. No Rio de Janeiro da Primeira Guerra Mundial, Milhaud é profundamente impactado pela modernidade da obra dos Veloso-Guerra: o professor Godofredo Leão Veloso (do Instituto Nacional de Música), sua filha, a pianista e compositora Nininha Veloso Guerra e seu marido, o compositor Oswaldo Guerra. Algumas de suas peças mais relevantes, como o audacioso balé sinfônico L´Homme et son désir e a cantata Retorno do filho pródigo, são inspiradas pela sonoridade produzida pelo trio, admirado por nomes como Villa-Lobos e Arthur Rubinstein. Com Nininha (Maria Virgínia), também na condição de principal intérprete, ele promove uma série de importantes concertos, em que se sobrassaem os dois Festivais Debussy, proporcionando audições das mais recentes obras do músico francês e de seus conterrâneos Maurice Ravel e Erik Satie, além do russo Igor Stravinsky e dos brasileiros Alberto Nepomuceno, Luciano Gallet e do próprio Oswaldo. *Soirées* musicais, para o intercâmbio das culturas dos dois países, tornam-se constantes na casa dos Veloso-Guerra, no bairro de Laranjeiras.

momento decisivo e singular

Com base numa extensa pesquisa, iniciada em 1999, Corrêa do Lago delineia os perfis biográficos e analíticos desses artistas, que chamaram a sua atenção quando estudava composição em

Godofredo Leão Veloso

Nininha Veloso Guerra

Oswaldo Guerra

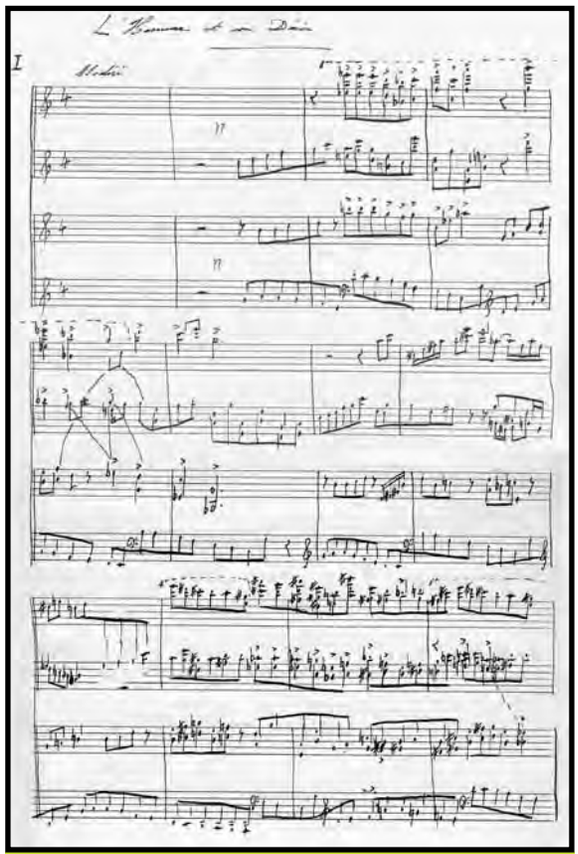
Paris, entre 1972 e 1974, graças às intensas referências feitas a eles nos textos de Milhaud sobre o Brasil e, também, ao expressivo volume de obras que o francês lhes dedica, influenciadas por nossos ritmos e melodias populares — a exemplo de Saudades do Brazil e O boi no telhado. "Se, por um lado, ele se apresenta dentro de um recorte temporal extremamente limitado, por outro, penso que esse período corresponde a um momento decisivo, e extremamente singular, no desenvolvimento do Modernismo musical brasileiro", descreve o autor.

Na sua observação, o Modernismo musical europeu é, convencionalmente, situado na sequência de dois movimentos paralelos (um francês e outro, alemão), ocorridos entre a última década do século XIX e as vésperas da Primeira Guerra: a chamada Revolução Debussista, representada por uma contundente transformação

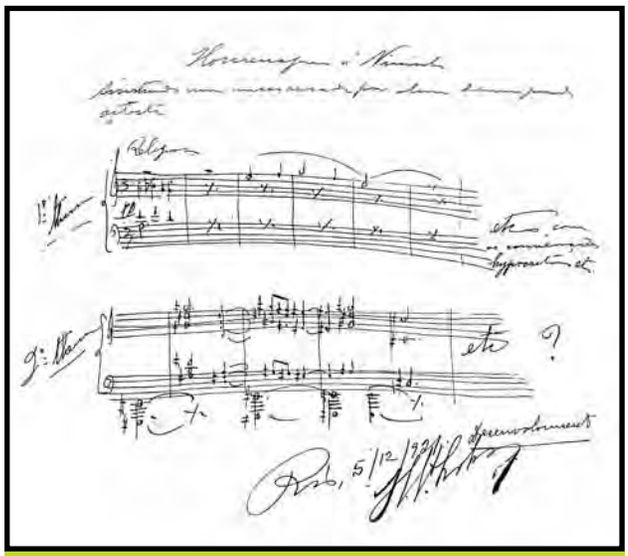
Manoel Corrêa do Lago

"Esse período corresponde a um momento decisivo e singular no desenvolvimento do Modernismo musical brasileiro", observa Corrêa do Lago

Avenida Beira-Mar no carnaval de 1930



Manuscrito da partitura de redução para piano de L´homme et son désir, feita por Nininha



Manuscrito de compassos de Homenagem a Nininha, por Villa-Lobos

Os programas de concertos encontrados evidenciam que Debussy já era conhecido aqui antes da Semana de 22

nos planos harmônicos, rítmicos e tonais, com ampla abertura a tradições não europeias; e o Expressionismo germânico, em que se destacam os poemas sinfônicos e as primeiras óperas de Richard Strauss, conduzindo o cromatismo pós-wagneriano de Gustav Mahler a um processo radical — o atonalismo. Ao aportar aqui, Milhaud ficaria surpreso com a familiaridade em relação a essas experimentações, por parte de um refinado grupo de músicos brasileiros. Mais tarde, em sua autobiografia, ele anotava: "Em 1917, encontrei um jovem casal de recém-casados: os Guerra. Oswaldo compunha uma música impregnada de influência francesa. Sua mulher, Nininha, dotada para a composição, era, sobretudo, uma excelente pianista. Seu pai, Leão Veloso, era professor de piano e ele a tinha treinado a tocar muita música contemporânea, da qual ele inculcava o gosto a todos que o cercavam: sua filha, seus alunos e até mesmo seu cão, que respondia pelo nome de Satie. Desde então, me liguei aos Veloso-Guerra, que eu encontrava com frequência, e foram eles que me iniciaram à música de Satie que, até então, eu conhecia de modo muito imperfeito. Eu a percorri com Nininha, que tinha uma excepcional capacidade de leitura à primeira vista da música moderna."

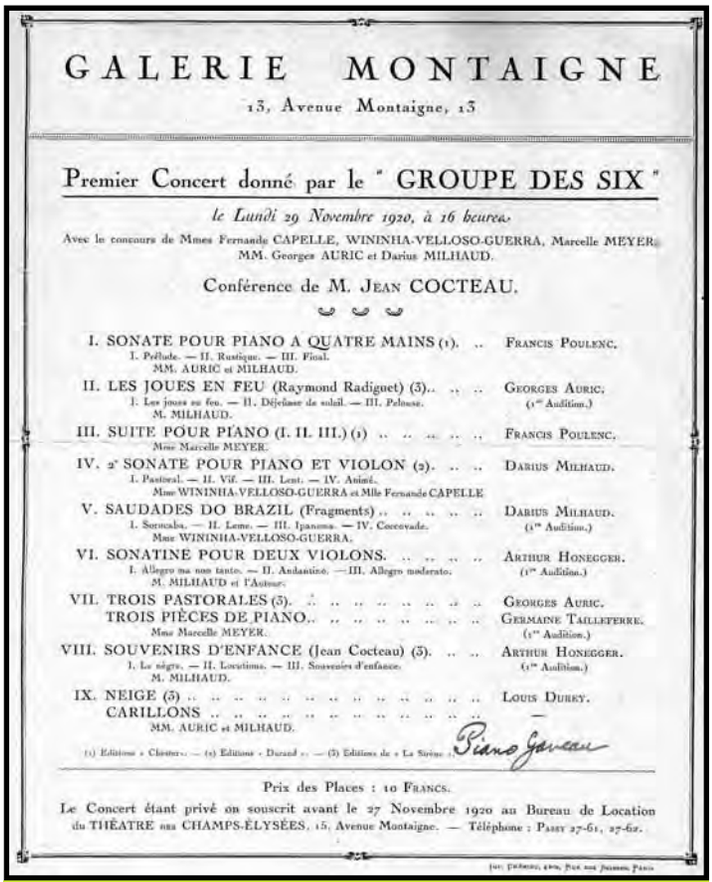
saudades do brazil

Em sua correspondência com amigos franceses, assim como nos depoimentos a respeito do Brasil, mais que ao maestro Villa-Lobos, é ao trio que Darius Milhaud destina maior espaço. No retorno a Paris, eles são os únicos compositores jovens brasileiros, da geração do autor das Bachianas, a terem suas obras apresentadas pelo assistente de Claudel ao público de sua terra. Milhaud não mediu esforços para levar o grupo à

Milhaud ao violão

França, o que aconteceria em novembro de 1920. Logo na chegada, Nininha participa do histórico Premier Concert du Groupe des Six — formado por Milhaud e mais cinco músicos, e que se tornaria bastante influente —, realizando a primeira audição internacional de algumas peças de Saudades do Brazil e, em seguida, uma série de recitais na Cidade-Luz. Ela, contudo, adoece gravemente, falecendo um ano depois, aos 26 anos. "Um dos pontos que mais me surpreendeu foi a intenção de Villa-Lobos de escrever uma música chamada Homenagem à Nininha. Numa exposição realizada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 1977, foram apresentados os compassos redigidos pelo maestro, após a missa de sétimo dia dela. Isso mostra a força de sua ligação com Nininha, a quem já havia dedicado a Terceira Dança Africana, em 1919. Outra descoberta impressionante foi a partitura da redução para piano de L´homme et son désir, feita pela musicista", sublinha Corrêa do Lago.

O desaparecimento prematuro de Nininha, a decisão de Oswaldo de radicar-se na França, desde então, e a morte de Godofredo, em 1926, ao dissolverem o ambiente em torno dos Veloso-Guerra no Rio de Janeiro, diluíram sua presença na crônica e na bibliografia musical do Brasil, antes mesmo do advento oficial do



GALERIE MONTAIGNE

13, Avenue Montaigne, 13

Premier Concert donné par le " GROUPE DES SIX "

le Lundi 29 Novembre 1920, à 16 heures

Avec le concours de Mmes Fernande CAPELLE, WININHA-VELLOSO-GUERRA, Marcelle MEYER, MM. Georges AURIC et Darius MILHAUD.

Conférence de M. JEAN COCTEAU.

I. SONATE POUR PIANO A QUATRE MAINS (1). .. FRANCIS POULENC.
I. Prélude. — II. Rustique. — III. Final.
MM. AURIC et MILHAUD.

II. LES JOUES EN FEU (Raymond Radiguet) (3).. .. .. GEORGES AURIC. (1re Audition.)
I. Les joues en feu. — II. Déjeuner de soleil. — III. Pelouse.
M. MILHAUD.

III. SUITE POUR PIANO (I. II. III.) (1) .. .. FRANCIS POULENC.
Mme Marcelle MEYER.

IV. 2e SONATE POUR PIANO ET VIOLON (2). .. .. DARIUS MILHAUD.
I. Pastoral. — II. Vif. — III. Lent. — IV. Animé.
Mme WININHA-VELLOSO-GUERRA et Mlle Fernande CAPELLE

V. SAUDADES DO BRAZIL (Fragments) .. .. DARIUS MILHAUD. (1re Audition.)
I. Sorocaba. — II. Leme. — III. Ipanema. — IV. Corcovado.
Mme WININHA-VELLOSO-GUERRA.

VI. SONATINE POUR DEUX VIOLONS. .. .. ARTHUR HONEGGER. (1re Audition.)
I. Allegro ma non tanto. — II. Andantino. — III. Allegro moderato.
M. MILHAUD et l'Auteur.

VII. TROIS PASTORALES (3). .. .. GEORGES AURIC.
TROIS PIÈCES DE PIANO.. .. .. GERMAINE TAILLEFERRE. (1re Audition.)
Mme Marcelle MEYER.

VIII. SOUVENIRS D'ENFANCE (Jean Cocteau) (3). .. .. ARTHUR HONEGGER. (1re Audition.)
I. Le nègre. — II. Louxtime. — III. Souvenirs d'enfance.
M. MILHAUD.

IX. NEIGE (3) .. .. LOUIS DUREY.
CARILLONS .. .. —
MM. AURIC et MILHAUD.

(1) Éditions « Chester ». — (2) Éditions « Durand ». — (3) Éditions de « La Sirène ».

Piano Gaveau

Prix des Places : 10 FRANCS.

Le Concert étant privé on souscrit avant le 27 Novembre 1920 au Bureau de Location du THÉATRE des CHAMPS-ÉLYSÉES, 15, Avenue Montaigne. — Téléphone : PASSY 27-61, 27-62.

Programa do Premier Concert du Groupe des Six

Modernismo, na Semana de 22. "Entretanto, o Círculo Veloso-Guerra deixou uma marca profunda na vida musical do Rio da Primeira Guerra Mundial, influenciando fortemente o processo de atualização de dois mestres fundamentais do Modernismo musical brasileiro — Villa-Lobos e Luciano Gallet. Os programas de concertos encontrados na documentação evidenciam que Debussy já era conhecido aqui antes da Semana de 22", enfatiza Lago.

Mais uma demonstração do peso do Círculo: para homenagear Milhaud, falecido em 1974, sua esposa Madeleine elegeu Oswaldo Guerra — que morreria dois anos após - como um dos músicos convidados para dar um depoimento, em 1978, ao Office de Radiodiffusion Télévision Française (ORTF) sobre a estada do compositor no Rio, acentuando a importância do Brasil em sua obra e desta, no nosso meio musical.

Conquistamos muito e ainda temos mais a conquistar!

O Banco BVA registrou crescimento sustentável expressivo nos últimos anos.

Este crescimento é resultado da confiança do mercado e de nossos clientes em nós.

Conservador na política de concessão de crédito e transparente na comunicação com os clientes, busca, sempre, ser um banco sólido e preparado para crescer ainda mais e enfrentar a competitividade do setor financeiro.

Entre em contato e venha crescer com a gente.

www.bancobva.com.br

BVA
Banco BVA S.A.

Retrato sem retoques da nobreza

por Mônica Sinelli

João Henrique Maria Gabriel Gonzaga de Orleans e Bragança, D. Joãozinho ou, simplesmente, João Príncipe, como ficou mais conhecido nas rodas cariocas de amigos plebeus. O mais proeminente herdeiro da Família Imperial abre seu olhar apaixonado sobre o Brasil profundo de ontem e de hoje. Suas imagens - e palavras - respiram sensibilidade e assombro pela profusão de naturezas, humanas e paisagísticas, que viceja nas terras da América portuguesa.

A fotografia foi o meio encontrado por D. Joãozinho — que atua como incorporador imobiliário em Paraty — para traduzir a exuberância e a diversidade filtradas em suas viagens, desde sempre, Brasil adentro. Não fosse ele, claro, trineto de D. Pedro II, o primeiro chefe de Estado do mundo a adquirir uma máquina de retratos e grande incentivador dessa arte. Há alguns anos, o príncipe contemporâneo, que dispensa salamaleques e rapapés, transferiu seu precioso acervo de 800 fotos do legado do imperador à guarda do Instituto Moreira Salles, na Gávea (RJ), a fim de que se mantivesse em condições de preservação adequadas. Em 22 de fevereiro último, o IMS inaugurou uma exposição com parte desses registros históricos, a qual poderá ser vista até maio.

Ao longo do tempo, D. Joãozinho vem cons-

Arquivo D. João

Fotos: Arquivo D. João

Xingu (PA)

"Fui educado com um forte sentimento de respeito e admiração pelo país, e minha família sempre esteve ligada à Natureza. Quando era pequeno, meus amigos passavam as férias na Disneylândia, e eu acampava pelo país"

truindo seu próprio patrimônio com flagrantes do surpreendente mosaico que compõe a identidade nacional. Da Praia do Flamengo, onde morou na infância, ele retém uma lembrança nítida do acontecimento que transformou, magnificamente, a paisagem do Rio de Janeiro do início da década de 60: o aterro da orla da Baía de Guanabara. "Lembro-me de quando começaram a colocar toda a barragem de pedra por fora, seguida do preenchimento de areia — a draga fazendo esse trabalho. Era um outro universo, sem shoppings, a gente se divertia na rua, subindo em árvores, jogando bola. Meu pai me levava à Praia Vermelha, na Urca, prendia uma corda na minha boia e me soltava na água — feito vara de pescar — e, depois, recolhia-me. Foi por isso que sempre gostei do mar e o respeitei. Não frequentávamos clube, porque achávamos uma coisa muito elitista, chata. Preferíamos a praia, que mistura todo mundo, tornando o ambiente interessante. Comecei a pegar onda em 1968, no Arpoador, naqueles pranchões. Era uma época do Rio muito rica. Os valores, hoje, estão bem diferentes, voltados ao consumo. O mundo

"Estava no Arpoador com amigos e avistei um homem tocando sax dentro da água. Quando todos foram embora, ele continuou no mar, sozinho, com o instrumento. Fiz algumas fotos e, depois, vim a saber que o músico era o Carlos Malta"

sofreu as maiores transformações no século passado", reflete.

Olhar de um príncipe do Brasil

A paixão pela fotografia cresceu com o interesse em conhecer o Brasil. "Fui educado com um forte sentimento de respeito e admiração pelo país, e minha família sempre esteve ligada à Natureza. Quando era pequeno, meus amigos passavam as férias na Disneylândia, e eu acampava pelo país. Meu pai, então tenente-coronel da Aeronáutica, ia me mostrando as matas. Comecei a registrar todas essas viagens, o que já resultou em 11 livros publicados. 'Olhar de João – fotografias de um príncipe do Brasil' (Metalivros-2009) constitui uma coletânea de imagens reunidas durante 35 anos."

Uma das experiências mais marcantes foi realizada no ano passado, quando refez o percurso efetuado por D. Pedro II, em 1859, ao subir 220km do Rio São Francisco, de barco, a convite do governador de Alagoas, Teotônio Vilela. Em uma expedição pelo Xingu, desceu 1.500km de rio, a partir de São Gabriel da Cachoeira (a mais de 800km de Manaus). Voou todo o Alto Rio Negro em avião Búfalo, do Exército, pousando em bases militares de fronteira, onde vive uma tribo ianomâmi. Definindo-se como um antropólogo sem o título de formação acadêmica, o taurino Dom Joãozinho – nascido a 25 de abril de 1954 – também ajustou o foco de sua lente para capturar a majestosa Floresta da Tijuca, que está completando 150 anos. Iniciativa pioneira, que antecipou, já no século XIX, as preocupações de D. Pedro II – filho da botânica Maria Leopoldina – com a sustentabilidade, o projeto de reflorestamento da extensa área de plantação de café surgiu da necessidade de recuperar a água para o Centro da cidade, pois os rios que a abasteciam estavam diminuindo de volume, devido aos cortes na mata. "No replantio da região do Maciço da Tijuca, poderia ter-se utilizado uma variedade de vegetação de forma aleatória. Entretanto, tomou-se o cuidado de retirar uma

Casa de D. Joãozinho em Paraty (RJ)

D. Joãozinho pertence à primeira geração da Família Imperial nascida no Brasil. Seu pai, D. João Maria Felipe Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Orleans e Bragança, só foi autorizado a deixar sua França natal, por conta do exílio político imposto pela República, para conhecer o Brasil em 1925. Aqui, estabeleceu-se na Serra de Petrópolis

amostra da floresta na Barra de Guaratiba, que ainda apresentava uma grande parte virgem. Assim, reproduziram-se, estatisticamente, as características da plantação nativa, primária. Trata-se de um marco de proteção à Natureza e ao desenvolvimento sustentável e que criou o único parque nacional urbano do mundo. Muitos países europeus e norte-americanos não tinham atitudes tão inovadoras nessa área como a que o Brasil adotou à época", realça o ex-integrante do Conselho Gestor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Cenas inusitadas da vida da cidade também arrastam sua mirada. Como a presenciada num dia comum de praia no Arpoador. Ele a reconstitui: "Estava lá com amigos e, de repente, avistei um homem tocando sax dentro da água. Imaginei que se tratasse de alguma ação publicitária ou algo do gênero. Mas, enquanto todos foram embora, ele continuava no mar, sozinho, com o instrumento. Fiz algumas fotos e, depois, vim a saber que o músico era o Carlos Malta, para quem o fenômeno acústico produzido pelo sax no oceano se assemelha ao som emitido pelas baleias. Em casa, ele lava o sal durante o banho", relata.

Pouso em Paraty

D. Joãozinho lembra que pertence à primeira geração da Família Imperial nascida no Brasil. Seu pai, D. João Maria Felipe Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Orleans e Bragança (já falecido, filho de D. Pedro de Alcântara de Orleans e Bragança e da condessa Elisabeth Dobrzensky de Dobrzenicz e neto da princesa Isabel e do conde d'Eu), só foi autorizado a deixar sua França natal, por conta do exílio político imposto pela República, para conhecer o Brasil em 1925. Aqui, estabeleceu-se na Serra de Petrópolis. Posteriormente, ao se reformar na Aeronáutica, apaixonou-se por Paraty, onde adquiriu terras há mais de meio século, tendo produzido a finíssima cachaça

"Toco tamborim no bloco Empurra que Pega, que sai na Avenida Ataulfo de Paiva, no Leblon, no sábado e na terça de carnaval. Ainda não sou um dos melhores no instrumento, mas mando direitinho"

artesanal Maré Alta.

É nessa antiga aldeia de pescadores, situada na costa sul fluminense, que o fotógrafo e empresário mora durante a semana, atua em sua empresa de incorporação imobiliária na região e mantém a Pousada do Príncipe. Em seu sobrado no Bairro Histórico, ele oferece, todo ano, um almoço a participantes da Festa Literária de Paraty (Flip), que vão de figuras consagradas e internacionais a poetas desconhecidos. "Acreditei no município como polo turístico, com a Mata Atlântica e a baía intensamente preservadas, somando-se ao Parque Histórico e a manifestações populares bem vivas. Em maio próximo, a cidade alçará à condição de Patrimônio da Humanidade da Unesco, numa modalidade mista. Dos mais de 400 sítios tombados pelo órgão, só há 19 com essa característica, mesclando aspectos ambientais, históricos e arquitetônicos", explica o ilustre residente, que há cinco anos levou os filhos (João Philippe e Maria Cristina) para conhecer a terra — pré-convulsão — de sua mãe, a egípcia Fátima Scherifa Chirine. A viagem, como não poderia deixar de ser, inspirou um belo ensaio fotográfico. "Vi grandes diferenças sociais, muitas pessoas dormindo na rua e outras andando de motorista com quepe no Egito. Perguntei se havia uma democracia, e eles responderam que sim. E pode criticar o presidente? Não, afirmavam. Mas é um país fascinante, com um povo alegre e cordial, parecido, nesse lado, com o brasileiro."

Batuque no Leblon e palestras gratuitas

Nos finais de semana, é mais provável encontrar D. Joãozinho circulando pelo Leblon, onde tem apartamento, a pé ou de bicicleta. "Acho a vida de bairro extremamente simpática, e no Leblon ainda existe isso. Não preciso pegar carro. Gosto de participar do mundo em que a gente vive como cidadão. E toco tamborim no bloco Empurra que Pega, que sai na Avenida Ataulfo de Paiva, no sábado e na terça de carnaval. Ainda não sou um dos melhores no instrumento, mas mando direitinho", brinca o príncipe, que este ano precisou desfalcar não somente a pequena agremiação, como também a Portela, escola em

que, normalmente, desfila. O período momesco coincidiu com uma palestra sua, a convite da embaixada brasileira, em Singapura e Hanói, para investidores, sobre a formação do Brasil.

Ele faz questão de frisar: "Vou pagando a passagem do meu bolso, e faço todas as palestras para as quais sou chamado de graça. Minha postura política é de defesa do Brasil. Não devo — e já recusei convite feito por Leonel Brizola para me candidatar a senador — filiar-me a nenhum partido. O comprometimento da minha família está no respeito à Constituição e à luta por democracia, mas sem coloração ideológica. Muitos não entendem a função, hoje em dia, de um rei em um sistema de parlamentarismo monárquico moderno, a qual é, justamente, ter um chefe de Estado sem vinculação partidária. Estado e governo configuram duas instâncias totalmente distintas. No presidencialismo, isso se torna um problema, pois se agregam na mesma figura o representante do Estado e o do governo, quando, teoricamente, significam coisas separadas e até opostas. Estado não tem ideologia: é o todo, a junção de identidade cultural e territorial com as instituições do país. Já o governo necessita de partido, porque é a maioria que ganha, democraticamente, uma eleição. A quem diz que a monarquia espelha um regime ultrapassado, pergunte se na Espanha, na Noruega ou na Suécia a população prefere um presidente no lugar de um rei. São nações altamente democratas, com elevado Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Não estou falando de ditaduras, mas de monarquia democrática constitucional. A base da monarquia é a não filiação partidária e, ao mesmo tempo, obediência à Constituição. Eu respeito o meu país, atitude que não se vê, atualmente, entre os políticos. Ao contrário, assis-

"A quem diz que a monarquia espelha um regime ultrapassado, pergunte se na Espanha, na Noruega ou na Suécia a população prefere um presidente no lugar de um rei"

timos a posturas públicas inacreditáveis, dignas de delegacia, e que se vêm aceitando como fatos normais. Esses níveis de tolerância me preocupam. Minha imparcialidade político-partidária me dá mais suporte para emitir opiniões a respeito de qualquer governo. Não tenho rabo preso. É triste, uma verdadeira decepção, constatar que pessoas que reclamavam de situações anteriores, ao assumirem o poder, cometam as mesmas irregularidades. A quem chamavam de ladrão, agora beijam a mão. Há uma turma que não larga o osso", indigna-se.

União em torno da mesma língua

Na sua visão, a unificação do Estado brasileiro — à qual atribui a estabilidade consolidada ao longo do tempo — deve-se ao arcabouço institucional preparado por D. João VI, um, digamos, precursor da globalização, com a abertura dos portos ao comércio internacional. "Ele pensou grande. O Brasil virou nação em1808. Naquele momento, a América portuguesa formou um só país, continental, em torno da mesma língua, enquanto a espanhola se dividia em 15. Hoje, no ambiente emergente dos Bric, a China não é democrática e tem problemas internos; a Rússia também não conforma uma democracia como manda o figurino e sustenta uma economia baseada apenas em gás e petróleo; e a Índia, que é democrata, apresenta uma imensidão de etnias. O Brasil é o único que tem democracia, não registra problemas étnicos e religiosos e comanda uma economia forte e diversificada, em razão de um movimento de libertação sem rupturas, sem guerra nem sangue, arquitetado por D. João. A imagem do rei que comia frango mudou bastante após o bicentenário da Independência. Antes, não se falava tanto de sua importância como, além da abertura dos portos, fundador de instituições a exemplo de Casa da Moeda, Banco do Brasil,

Seu João Luzia (Trajano de Moraes - RJ)

Com Seu Percílio (Trajano de Moraes - RJ)

> "Quem se dedica ao país precisa dedicar-se ao país. Quem quer ser empresário, que vá ser empresário. Mas aquele que tem vida pública, seja rei, deputado ou vereador, deve empenhar-se 100% nisso"

academias de artes e militares e até da própria imprensa, que era livre no Império e foi interditada pela República", observa.

Na contramão da ciranda de benesses que grassa hoje na esfera política, o trineto de D. Pedro II ressalva que, em mais uma demonstração de espírito público dos integrantes da Família Real, o último imperador do Brasil, já exilado na França, com poucos recursos, devolveu os proventos enviados pelos republicanos a título de aposentadoria. "Ele se recusou a recebê-las, mesmo depois de 49 anos de trabalhos prestados, sob o argumento de que não poderia aceitar dinheiro do Brasil sem o estar servindo. A família não era rica, porque não tinha mesmo de ser. Quem se dedica ao país precisa dedicar-se ao país. Quem quer ser empresário, que vá ser empresário. Mas aquele que tem vida pública, seja rei, deputado ou vereador, deve se empenhar cem por cento nisso. Se ficar rico, só se for honestamente, mesmo assim sem ajuda dos contatos e da posição. D. Pedro II morreu pobre, num pequeno hotel de Paris. E estava certo que morresse pobre", acentua.

O regente amante das artes e abolicionista (nunca teve escravos), conta o trineto, gostava de acompanhar as procissões religiosas na rua, a pé, junto com o povo, sem nenhum aparato de segurança. E limava outras regalias. "Certa vez, ele chegou à já então movimentada Rua do Ouvidor, no Centro da cidade, de charrete. Saltou para fazer compras e, na volta, viu um guarda multando o cocheiro. Este encenou o famoso sabe com quem está falando, é o carro do imperador! O guarda pediu desculpas, afirmando que não anotaria a infração, mas D. Pedro não permitiu que se aplicasse a prerrogativa. Seu argumento era que se ele próprio não desse o exemplo, ao obedecer à lei, quem iria fazê-lo? E solicitou que o policial o multasse. Não é crime errar. O ser humano erra. O bonito e o grande estão em saber reconhecer o erro. O trabalho das famílias reais não é outro, se não, servir de exemplo". Palavra do nobre voluntário que, na catástrofe recente na serra fluminense, se juntou a tantos outros anônimos para ajudar as vítimas de Friburgo, descarregando caminhões do Exército com doações em meio aos escombros. Retrato sem retoques da fidalguia.

Ator, sublime ator

POR OLGA DE MELLO

Um acaso levou Ítalo Rossi a se interessar pelo teatro. Adolescente, ele cursava inglês no mesmo edifício do Centro de São Paulo, onde faziam testes para o elenco de uma peça. A aprovação, Ítalo credita à voz "grave e diferente", que já tinha. Ironia do destino, acabou escalado para interpretar um personagem mudo e iniciando uma das mais reconhecidas trajetórias de um artista brasileiro. Carioquice se arrepia toda só de falar no nome do ator.

Esta e outras histórias pitorescas de mais de seis décadas de carreira estão em "Isso é Tudo", a biografia que Antônio Gilberto e Ester Jablonski prepararam para a Coleção Aplauso (Imprensa Oficial – São Paulo), que teve seu lançamento no Rio de Janeiro marcado para a noite de 19 de janeiro, quando completava 80 anos. "A melhor das comemorações, receber os amigos que vão me abraçar", diz Ítalo, paulista de Botucatu, radicado no Rio de Janeiro há pelo menos 40 anos.

"Chegou um momento em que não fazia mais sentido eu morar em São Paulo, se a minha vida profissional estava no Rio. Então, vim para cá, sem qualquer sacrifício. A cidade sempre foi linda, encantadora", conta.

A voz firme e a dicção perfeita foram treinadas desde muito jovem, quando se apresentava em encenações teatrais com os três irmãos, na casa da família, em Botucatu. Geralmente, as montagens dos três eram reproduções das óperas que os pais incentivavam os meninos a conhecer. Conhecer arte, poesia, balé e, principalmente, ópera era quase uma consequência dentro de uma família "italiana por tudo quanto é lado", como recorda Ítalo Di Fratti Coppola Ross, o terceiro filho de Ottorino e Yacopina, que se conheceram quando o jovem imigrante italiano foi trabalhar na cozinha do hotel de seu avô materno, em Botucatu.

"Eu cantava todas as árias, queria interpretar todos os papéis, fazia até os cenários. A ópera foi meu primeiro contato com o teatro", afirma Ítalo.

A educação requintada afastou Ítalo e os irmãos de esportes. "Futebol, nem pensar. Aos 9 anos fui obrigado a ler "As Preocupações de Nietzche", que me impressionou bastante", lembra.

Os pais eram rígidos com a educação e suas próprias aspirações para os filhos, que pretendiam ver "diplomados". Ao informar a família sobre sua decisão de abraçar a carreira artística, Ítalo sabia que "haveria um preço". Para se sustentar, passou a ser contínuo no escritório do pai,

que, mesmo discordando do filho, o aconselhou a dar o melhor de si. Segundo Ítalo, mesmo valorizando a cultura, ator não era uma profissão que uma família refinada, na época, aceitasse. Só não se rebelou contra os pais por perceber que eles buscavam o que consideravam melhor para ele mesmo, diz.

Depois de algumas peças no Grupo Teatro Amador de São Paulo, Ítalo participa de diferentes companhias profissionais até entrar para o Teatro Brasileiro de Comédia, o TBC, o principal grupo teatral do país, em 1956. A convite do diretor Ziembinski, iria trabalhar em "Casa de Bonecas", de Ibsen, protagonizada por Cacilda Becker, uma das mais reverenciadas atrizes brasileiras na época. "Eu, dentro do TBC, sonho de qualquer ator, simplesmente mudei de casa: passei da Casa de Bonecas para a Casa de Chá do Luar de Agosto... O Sakini era um protagonista maravilhoso. Uma peça muito bem dirigida, que ficou um ano em cartaz em São Paulo. Éramos vinte e oito pessoas. Célia Biar, Nathalia Timberg, que já haviam feito peças no TBC, faziam figurações... Mauro Mendonça, Oscar Felipe, Sergio Britto, Carminha Brandão, Fabio Sabag, Fregolente, Eugênio Kusnet, Milton Moraes, Maria Helena Dias, Aldo de Maio e tantos outros. Um grande elenco", recorda, creditando boa parte da composição do personagem à paciência do diretor Maurice Vaneau, que o obrigava a ensaiar de mãos amarradas para viver um japonês de gestos suaves.

O esforço para conter seu histrionismo natural como Sakini lhe rendeu, aos 25 anos, o primeiro prêmio, como ator revelação, da Associação Brasileira de Críticos Teatrais. No ano seguinte a ABCT o escolhe como o melhor ator por "Os Interesses Criados". O terceiro prêmio ABCT foi por "O Mambembe", em 1959, o primeiro espetáculo do recém-criado Teatro dos Sete, que fundou com Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Gianni Ratto, Alfredo Souto de Almeida, Luciana Petrucelli, depois do fim do TBC.

"Ficamos olhando das janelas do camarim, no Theatro Municipal, aquela fila imensa de pessoas que estavam lá para nos assistir. Era gente que já nos conhecia do Grande Teatro, que fazíamos na televisão. O teleteatro foi um embrião para a formação do público, do nosso público. Quem nos assistiu no primeiro ano aceitou fazer assinatura para assistir aos quatro primeiros espetáculos do Teatro dos Sete. Era esse público que não dormia,

Dina Sfat e Ítalo Rossi em foto promocional do espetáculo "Doroteia vai à Guerra", de 1972

porque nós entrávamos às nove, às dez, até às onze e íamos até duas ou três da madrugada na televisão ao vivo. Eram adaptações de textos imensos e maravilhosos... Foram seis anos de TV Tupi, no Rio de Janeiro; depois, dois anos na TV Rio; e na TV Globo apenas quatro meses em 1965, quando tudo acabou", lembra.

Um colecionador de sucessos no palco e nas telas (grandes e pequenas), Ítalo Rossi participou de 41 peças, 22 filmes, 34 novelas e seriados e 450 adaptações teatrais para a televisão, além de ter dirigido quinze espetáculos e até protagonizado fotonovelas. Sem discriminar os espaços de representação, afirma que a entrega absoluta é ao teatro, embora a popularidade atual venha de seu último personagem na TV, como seu Ladir, do humorístico Toma Lá, Dá Cá, um dos motivos para preferir ficar em casa.

"O Ladir foi criado para mim especialmente pelo Miguel Falabella. Adorei fazer, mas ele tinha um bordão. Se eu ando na rua, tem sempre alguém me falando: "É mara". Não tenho nada contra o assédio público, faz parte da vida que escolhi. Mas a verdade é que sou um pouco tímido e fico sem graça, constrangido", confessa.

Em todas as paredes de seu apartamento no Flamengo há ao menos uma pintura. "Já tive 48, hoje não chegam à metade disso. Morava num apartamento enorme, na Glória, mas neste daqui não havia espaço", comenta.

A mudança veio de encontro ao desejo de ter uma vida simples. No outro apartamento, vivia com a mãe, irmãos, os muitos sobrinhos sempre visitando. "Não tive filhos, mas acabo de me tornar tio-bisavô", conta, mostrando fotografias da família que distribuiu em diversos porta-retratos. "Sou uma pessoa caseira, sossegada. E minha família também sempre prezou esse aspecto, de estarmos próximos, dentro de casa. Já fui muito

Ítalo Rossi e Fernanda Montenegro em "O Médico Volante", de 1961

"Ficamos olhando das janelas do camarim, no Theatro Municipal, aquela fila imensa de pessoas que estavam lá para nos assistir. Era esse público que não dormia, porque nós entrávamos às nove, às dez, até às onze e íamos até duas ou três da madrugada na televisão ao vivo"

da noite, gostava de boate. Agora, prefiro ler, ouvir música, assistir a meus filmes em casa", diz.

A tranquilidade de que gosta não significa que pretenda parar de trabalhar. Está aguardando Esther Jablonski lhe entregar um texto novo que deverá encenar ainda este ano. "Há uma outra comédia estrangeira pela qual me interessei, ainda em fase de tradução. Não penso em aposentadoria. Faço exercícios diariamente, mantenho o mesmo peso desde o milênio passado... Teatro é minha escolha de vida", afirma.

A compulsão pelo trabalho o impediu de usufruir das passagens Rio-Paris que a companhia aérea Air France dava aos agraciados pelo Prêmio Molière. Ganhou quatro vezes, por atuação como protagonista em "A Noite dos Campeões" (1975), "Quatro vezes Beckett" (1985), "Encontro com Fernando Pessoa" (1986) e "O Encontro de Descartes e Pascal" (1987). Em entrevista no programa de Jô Soares, amigo e afilhado de casamento, comentou que jamais conseguira utilizar as passagens. "No outro dia, a Air France me avisou que emitira outro bilhete. Aí, resolvi aproveitar!", conta.

"Não penso em aposentadoria. Faço exercícios diariamente, mantenho o mesmo peso desde o milênio passado... Teatro é minha escolha de vida"

www.souzacruz.com.br

SLM

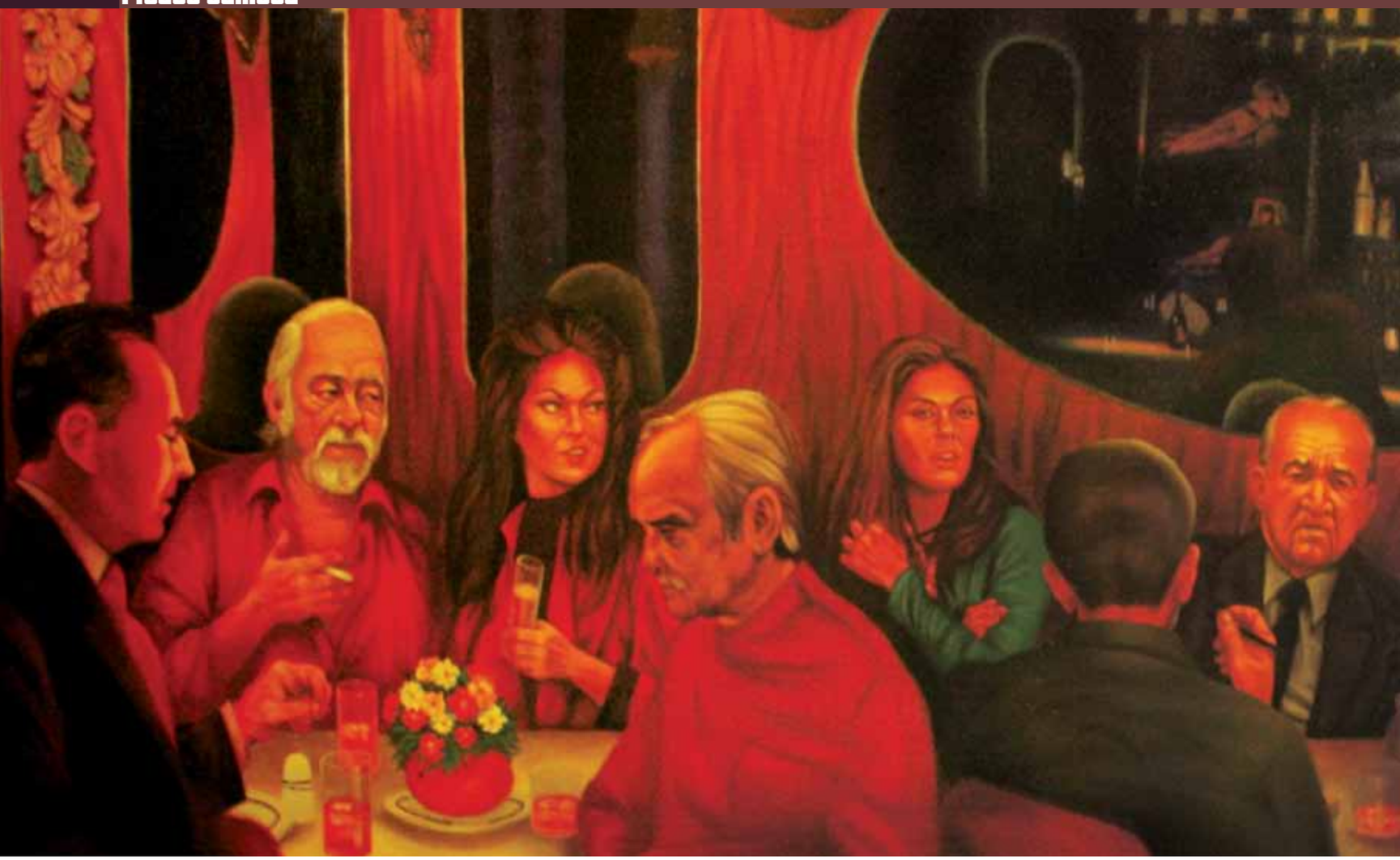
SOUZA CRUZ.
HÁ 107 ANOS CRESCENDO COM O RIO DE JANEIRO E COM O BRASIL.

A Souza Cruz lidera o mercado brasileiro de tabaco de forma responsável e inovadora, primando pelo benefício mútuo na relação com sua cadeia produtiva e com a sociedade. Além de gerar riqueza para o país e renda para milhares de brasileiros, também prioriza investimentos em programas sociais e ambientais. Tudo isso porque a Souza Cruz acredita no seu potencial de contribuir para o desenvolvimento sustentável por meio de suas ações. E quer, cada vez mais, ser motivo de orgulho para o Rio de Janeiro, como uma empresa que nasceu aqui e que hoje é uma das maiores do Brasil. Em tamanho e responsabilidade.

A SOUZA CRUZ EM NÚMEROS:

- 7.200 colaboradores;
- Geração de mais de 240.000 empregos em toda a cadeia produtiva;
- Cerca de 40.000 produtores rurais atuando em parceria;
- Atendimento direto a cerca de 260 mil varejos;
- Pioneira na exportação de tabaco desde a década de 60, já exportou mais de 2 milhões de toneladas para os 5 continentes;
- Mais de R$ 7 bilhões/ano em impostos pagos;
- 3 parques ambientais;
- 3 fazendas energéticas;
- 96% de resíduos reciclados;
- 60% de matriz energética renovável;
- Carbono neutralizado com 85% de emissões neutras e os 15% restantes sendo compensados com árvores plantadas nas áreas de preservação mantidas pela Companhia.

SOUZA CRUZ



O antonio's de todos os santos

POR **Fernanda Good**

Corriam os anos 1980, a ditadura perdia força e a nata da boemia carioca se reunia no balcão ou nas mesas de um dos mais emblemáticos bares da cidade, o Antonio's, no Leblon. Não à toa, Carlinhos de Oliveira, um dos seus fiéis frequentadores, escreveria uma crônica que começava assim: "Culpa não me cabe se no Antonio's acontecem coisas."

Decidido a eternizar esse ambiente, seu dono, Manuel Rieiro Romar, o Manolo, encomendou, em 1984, um painel ao pintor Eurico Abreu. O quadro, um óleo sobre tela, retrata alguns dos nobres frequentadores: JK, Irineu Garcia, Carlinhos de Oliveira, Ciro Monteiro, Di Cavalcanti, Leila Diniz, Djanira, Gilson Amado, 'personagem vivo', Regina Leclery, Lucio

Rangel, Maysa, Vinicius de Moraes e Sergio Porto. Reza a lenda que a disputa entre os *habitués* da casa foi acirrada. Todos queriam fazer parte do registro.

Ao melhor estilo Hitchcock, Eurico Abreu se autorretratou de costas e se intitulou "personagem vivo", numa forma de representar todos os clientes .

Manolo, hoje com 70 anos e vivendo em Santiago de Compostela, na Espanha, destaca que "Todos os brasileiros ilustres se sentem representados por essas pessoas. Foram momentos inesquecíveis pelos quais o Rio de Janeiro passou. Era um outro tempo, em que um disco demorava três anos para ser produzido. Quem seria hoje Vinicius de Moraes? O Antonio's foi no Rio o local que acolheu toda a sociedade pensante. Não podia deixar de registrar nossa existência."

Para produzir o quadro de 2,39 metros, Eurico Abreu, primeiramente, fotografou o restaurante e em seguida foi pesquisar em periódicos à procura de fotografias de cada um dos retratados. Fez o esboço a carvão para depois pintar a tela. Sua filha, Leila Chades, conta que o pai, de origem portuguesa, nascido em 1933, era carioca de alma. "Lembro-me bem de seu contentamento na época. Ele estava radiante em produzir essa obra. Era um intelectual, vascaíno, brizolista, escorpião, fã de Fernando Pessoa e admirador dos Beatles. Para essa encomenda, então, era visível sua realização."

Durante 10 anos, até o fechamento da casa, em 1994, o quadro ficou exposto nas paredes do Antonio's. A tela, que já fez parte do acervo do MAM Rio, hoje pertence ao Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA), que recebeu a doação do próprio Manolo, enviada de sua casa espanhola em Santiago de Compostela.

Atravessando o deserto do Nássara

POR OLGA DE MELLO

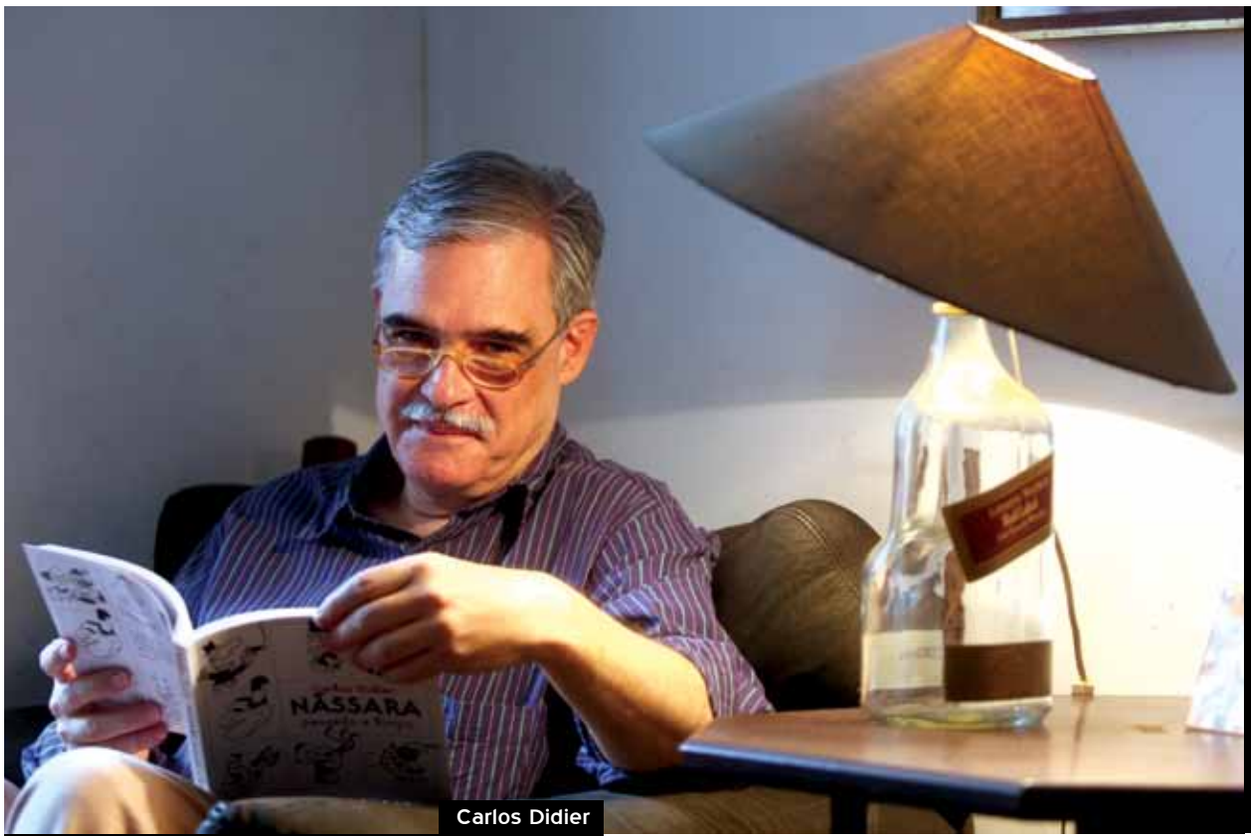
A cada onda de calor, o carioca não faz força para puxar da memória e evocar uma marchinha que embala os carnavais desde 1943. "Ala-la-ô, ô-ô-ô-ô-ô-ô!" não apenas inicia um dos mais famosos refrões carnavalescos, como invoca Alá, Deus para os muçulmanos, com a rima fácil para lôiô e laiá, figuras do imaginário brasileiro tão bem aproveitadas pelo samba. "Ala-la-ô" é também a mais conhecida marchinha de um carioca filho de árabes, que traçou na música e na caricatura um pouco da história da cidade: Antônio Nássara, que teria completado 100 anos – ou 101 – em 2010, centenário não esquecido pelo ICCA, que o nutre com verbete alentado do seu Dicionário *on-line*.

Alá só entrou na letra de "Alá-la-ô" por causa de Nássara. Foi Haroldo Lobo quem pediu a ele que fizesse a segunda parte de um samba que pretendia lançar para o carnaval de 1941. O estribilho já trazia elementos que permaneceriam na canção. A marchinha de Haroldo tinha o seguinte refrão: "Chegou, chegou/a nossa caravana./ Viemos do deserto,/sem pão e sem banana pra comer./O sol estava de amargar,/queimava nossa cara/fazia a gente suar."

Dias depois, na esquina da Avenida Rio Branco com a Almirante Barroso, em frente ao Café Belas-Artes, Nássara apresentou sua sugestão: "Viemos do Egito/ e muitas vezes nós tivemos que rezar:/Alá, Alá, Alá, meu bom Alá./Mande água pra Ioiô/Mande água pra Iaiá/Alá, meu bom Alá." Enquanto Nássara cantarolava, Haroldo trocou seu velho estribilho por "Ala-la-ô/Ô, ô, ô, ô, ô, ô./Mas que calor/ Ô, ô, ô, ô, ô, ô".

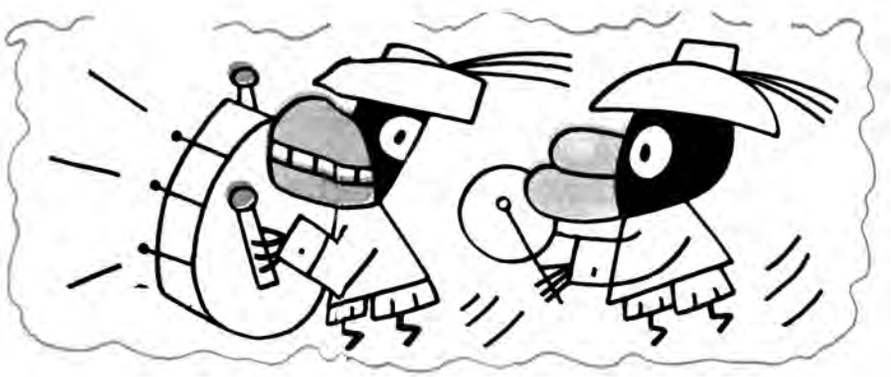
Os eternos foliões...

(colhidos do natural, por Nassara).



Carlos Didier

"Ele era um homem agradável, simpático, gentilíssimo, elegante no vestir e na maneira de ser"



Uma das figuras mais presentes na vida carioca, Nássara é personagem de muitas histórias dispersas em tantas passagens pela boemia da cidade. No entanto, poucos registros poderiam ser levantados para montar sua trajetória pelos diversos campos em que atuou, como queria o pesquisador Carlos Didier, que optou por encadear pequenas crônicas em "Nássara passado a limpo" (José Olympio Editora, R$ 35).

"Além dos depoimentos que ele deixou no Museu da Imagem e do Som ao lado de Ricardo Cravo Albin, das entrevistas que deu ao longo da vida, do que saiu em jornais e dos livros sobre seus desenhos, eu não teria como obter mais informações. E queria que a biografia ficasse pronta ainda a tempo de comemorarmos o centenário. Acabou ficando

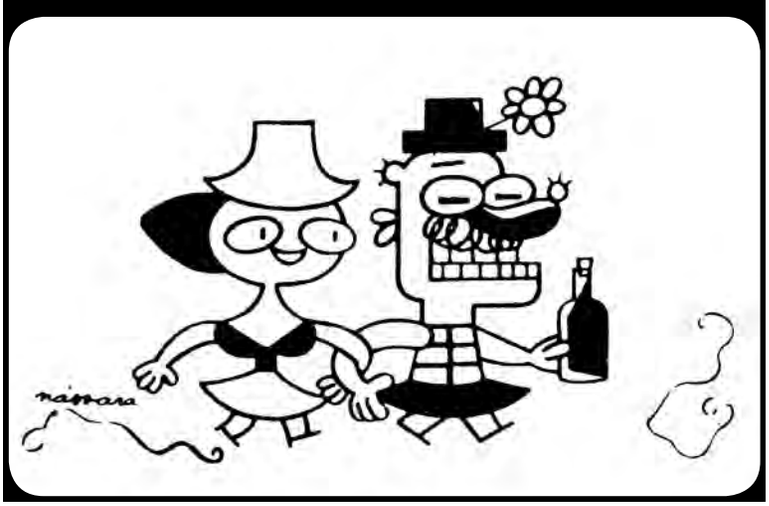
um livro leve, alegre, repleto de charges. A cara do Nássara", acredita Didier, que o conheceu quando colhia material para a biografia de Noel Rosa - que fez em parceria com João Máximo.

"Entrevistar Nássara para o livro de Noel foi um dos gratos presentes que a vida me deu. Ele era um homem agradável, simpático, gentilíssimo, elegante no vestir e na maneira de ser. O livro nasceu de minha admiração e da amizade por Nássara, completando a terceira biografia em que trabalho sobre grandes músicos da época de ouro do Rio de Janeiro, das décadas de 1920 a 1940", afirma Didier.

Nas crônicas em que conta a vida de Nássara, Didier apresenta um Rio de Janeiro alegre, festivo e politizado, de violência praticamente inexistente. "Era o Rio do bate-papo, da convivência igualitária. A cidade era amigável. Nássara costumava voltar para casa, em Vila Isabel, de madrugada, caminhando. Não se ouvia falar de nenhum episódio de violência com esses boêmios que não fosse provocado por eles mesmos", diz o pesquisador, que espera com o livro ter conseguido ajudar a entoar "um canto de amor à cidade: "meu mundo é o Rio de Janeiro, e nas biografias de Nássara, de Noel e na de Orestes Barbosa espero mostrar a arte produzida nesse ambiente".

Filho de Gabriel Jorge Nasra e Uahyba Dahio, o menino ganhou o sobrenome aportuguesado ao ser registrado em um cartório em São Cristóvão, em novembro de 1909. O sotaque do pai, um imigrante sírio, transformou Nasra em "Nássara". O nome da mãe, também síria, passou, então, a ser grafado "Guaiba Dayá". O casal e os sete filhos se mudaram para Vila Isabel no início da década de 1920, quando o comerciante comprou uma ampla casa na Rua Teodoro da Silva, onde morava Noel Rosa. Amigos, faziam serenatas pelas ruas

O Rio era amigável. Nássara costumava voltar para casa, em Vila Isabel, de madrugada, caminhando. Não se ouvia falar de nenhum episódio de violência com esses boêmios



"Nássara não explicava seu talento. Ele não queria louvação. Queria era viver bem"

Carlos Didier

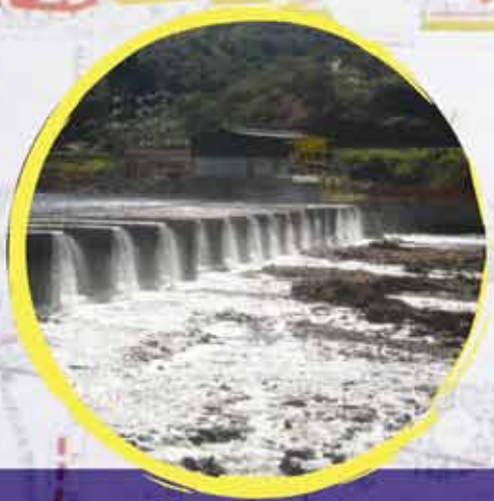
e saíam no bloco Faz Vergonha, que reunia os rapazes "de família" do bairro. Enquanto Noel estudava Medicina, Nássara iniciou o curso de Arquitetura, que abandonou quando começou a trabalhar como retocador de fotografias no jornal "A Crítica".

"A necessidade de trabalhar o levou a se encantar com a boemia no Centro do Rio. Mesmo incentivado a estudar pelos pais, eles eram de classe média e valorizavam o trabalho. As pessoas viviam confortavelmente, em casas espaçosas, porque as famílias eram grandes, porém tinham hábitos extremamente modestos se comparados com o estilo de vida atual. Ninguém ainda havia sido convencido de que a felicidade exigia o consumo de produtos caros, como hoje. De repente, Nássara descobriu que tinha uma profissão e que podia sobreviver dela. Aos poucos, deixou de lado a faculdade", conta Didier.

Nos jornais, além de trabalhar no planejamento gráfico, Antônio Nássara se firmou como caricaturista. Seu desenho de traços geométricos, aparentemente simples, encantava outros desenhistas, como Millôr Fernandes, que o conheceu quando começou a trabalhar em jornais. "Millôr considerava Nássara um sábio. Ele era bem jovem, morava numa pensão no Centro, e costumava acompanhar as caminhadas diárias de Nássara e Orestes Barbosa pela Cinelândia, ouvindo as conversas dos dois compositores. Muitos anos mais tarde, Millôr convidou Nássara para colaborar com o Pasquim, porque sempre admirou sua genialidade, aquele talento para captar características dos retratados. Ele me disse uma vez que entendia de onde partia a caricatura do Chico Caruso, mas que nunca conseguiu identificar como Nássara começava. O próprio Nássara não explicava seu talento. Ele não queria louvação. Queria era viver bem", diz Carlos Didier.

Engevix.

Crescendo junto com o Brasil de hoje e de amanhã.



A Engevix Engenharia está crescendo junto com o Brasil. Somos mais de 4.260 colaboradores dedicados aos mais variados projetos, como infraestrutura rodoviária e portuária, geração de energia de fontes renováveis, unidades de tratamento de óleo e gás, construções oceânicas para extração e transporte de petróleo, projetos de transporte público de massa, redes de expansão de saneamento. Trabalhamos em mais de 13 Estados e no Distrito Federal, além de unidades em países do Mercosul, Estados Unidos e nos continentes africano e asiático. Empregamos as mais modernas tecnologias em nossas atividades e desenvolvemos conhecimento como resultado da experiência de mais de 45 anos de atuação em engenharia consultiva. Hoje a Engevix Engenharia está crescendo junto com o Brasil de amanhã.

ENGEVIX

Engenharia Inteligente.
Empreendimentos de Valor.

www.engevix.com.br
+55 11 2106.0100

24x7 COMUNICAÇÃO

O mais estiloso dos estilosos

por Julia Santhiago

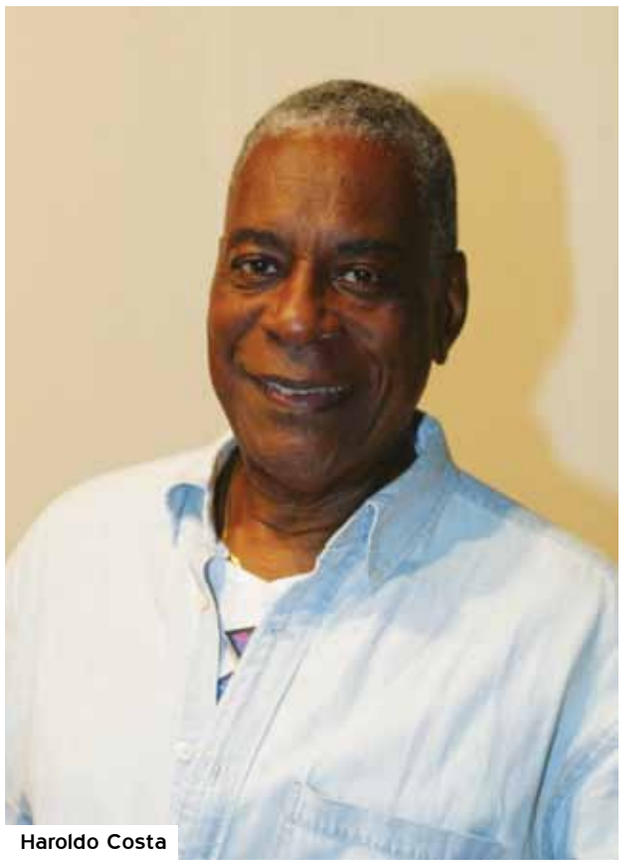
O consultor de moda Julio Rêgo é a prova de que elegância vem de berço. O mestre do refinamento deixou o emprego em um banco de investimentos para seguir sua verdadeira vocação: o mundo da moda. Desde então trabalhou na revista Vogue, na Casa Alberto Gentleman e na equipe de estilo do jornalismo da Rede Globo. Hoje, além do trabalho como consultor de moda é responsável, há dez anos, pelo estilo da equipe técnica do Programa do Jô. Julio gosta de frisar que faz o figurino apenas do sexteto, dos garçons e dos outros membros da equipe, uma vez que Jô Soares tem estilo próprio e é elegante por si só. "Apenas trocamos opiniões", explica.

De acordo com Julio, bons modos e postura são atributos aprendidos e transmitidos em casa. Segundo ele, uma pessoa para ser considerada elegante deve saber, acima de tudo, observar os mais velhos e pessoas que tenham porte. Entre seus maiores ídolos estão o ator e dançarino Fred Astaire e o duque e a duquesa de Windsor. "Elegância é comportamento, bom gosto é saber portar-se à mesa, sentar-se com a coluna da maneira correta. Aprendi tudo isso com meu pai e acredito que os bons modos são ensinados em casa", afirma.

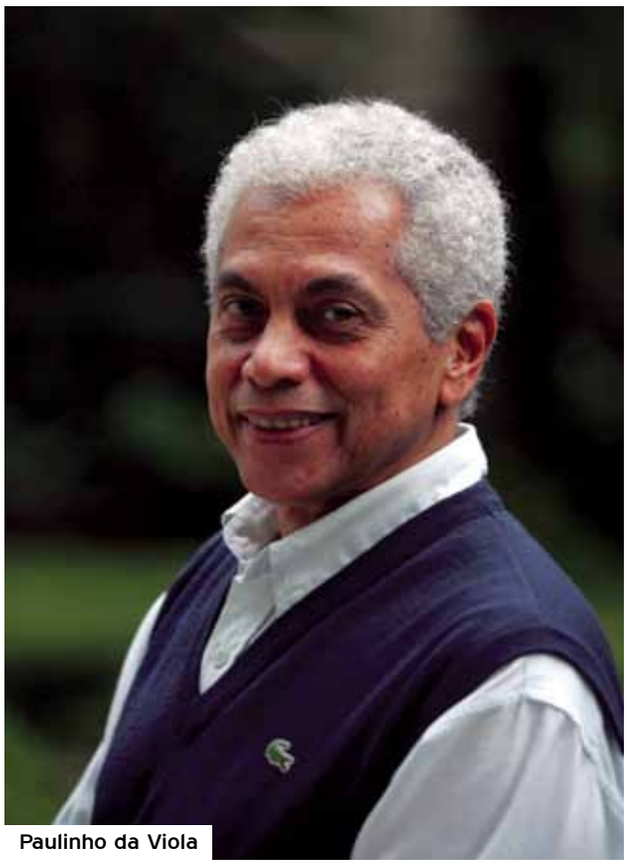
Formado em direito, Julio Rêgo trabalhou, desde a morte do pai em 1964, no mercado de capitais. Em seu currículo constam a corretora de valores Souza Dantas e o Banco Denasa, lugares onde construiu uma bem-sucedida carreira. No entanto, para Julio o retorno financeiro não foi suficiente para que ele se considerasse pleno e feliz. "Comecei a fazer análise e descobri que estava infeliz. Não ligo para dinheiro. Talvez eu fosse bom no que fazia, mas achava São Paulo muito chato, entrei para uma vida de boemia e foi minha decadência. Descobri que não tinha nascido para ser executivo." Quando a revista Vogue abriu escritório no Rio de Janeiro, Julio foi convidado para ser o representante da publicação no estado. "Apaixonei-me pelo trabalho, era outro ritmo, outro mundo. Foi ali que começou o meu encantamento pelo charme do mundo da moda", relata.

Depois da temporada na Vogue, Julio trabalhou na Casa Alberto, antigo armarinho que se destacava pelos tecidos finos e acessórios que vendia e ainda hoje é referência na cidade. Julio acabou por criar o conceito da "Casa Alberto Gentleman", que passava a vender também roupas masculinas sofisticadas. Ele foi responsável por trazer para a marca a representação de grifes europeias, como Dior e Churchill. O convite para trabalhar na equipe de estilo, na inauguração do canal Globo News, coroou a carreira de Julio Rêgo como consultor. O desafio era ensinar os jornalistas a se portarem diante das câmeras e escolher o figurino dos apresentadores. "Gostaram tanto do meu trabalho que fui convidado para ser o consultor, em todo o Brasil, de moda masculina para o jornalismo da Rede Globo, onde trabalhei por sete anos."

"O Rio de Janeiro é a corte, a moda nasceu aqui e disso não tenho a menor dúvida. Isso se comprova pelas grandes marcas que aqui surgiram: Company, Richards, Elle et Lui, entre outras"



Haroldo Costa



Paulinho da Viola

O carisma e a simpatia de Julinho Rego levaram a equipe do Bom Dia Brasil a dedicar a ele um espaço mensal no telejornal, chamado "Com que roupa?", em que ele orientava executivos a se vestir apropriadamente para o trabalho. O sucesso foi tanto que publicou, em parceria com a jornalista Heloísa Marra, o livro "Estilo no Trabalho". Ainda na Globo, Julio reformulou o figurino da equipe de esportes, que passou a adotar cores cítricas para se diferenciar de outras emissoras. O figurino escolhido por ele é usado até hoje por Galvão Bueno e outros nomes da equipe de esporte da televisão.

"Paulinho da Viola era *hors concours*, um homem elengantérrimo e estava sempre na lista dos dez mais do Ibrahim Sued. Haroldo Costa também era habitué na lista"

Rio capital da moda

Julio defende o argumento de que o Rio de Janeiro é a capital do charme e da elegância. "O Rio de Janeiro é a corte, a moda nasceu aqui e disso

A lista das cariocas mais elegantes e bem vestidas é encabeçada por Danuza Leão, seguida por Kiki Garavaglia e Tanit Galdeano

Danuza Leão com Pelé

Kiki Garavaglia

Tanit Galdeano

não tenho a menor dúvida. Isso se comprova pelas grandes marcas que aqui nasceram: Company, Richards, Elle et Lui, entre outras". Dos cariocas mais elegantes de todos os tempos Julio cita o fotógrafo Paulo Garcez, com quem trabalhou nos tempos da Vogue, Paulo Fernando Marcondes Ferraz, Rodolfo Garcia, o consultor de moda Felipe Veloso e o tradicional corretor de imóveis Jimmy Baley. Na década de 70, Julio fez parte da equipe do Jornal do Brasil que elegia os cariocas mais elegantes. "Paulinho da Viola era h*ors concours*, um homem elengantérrimo e estava sempre na lista dos dez mais do Ibrahim Sued. Ataulfo Alves e Haroldo Costa também eram habitués na lista", lembra.

A lista das cariocas mais elegantes e bem vestidas é encabeçada por Danuza Leão, seguida por Kiki Garavaglia e Tanit Galdeano. "Detesto mulheres que só vestem grife da cabeça aos pés. Não se faz isso, não combina com o estilo do carioca", defende. Julio acredita que o Rio de Janeiro tem seu próprio código de estilo quando o assunto é moda. "O clima de trópicos pede cores claras, alegres, vibrantes, pede pouca roupa, saias curtas, chapéus e óculos de sol. Temos que vestir uma moda despojada, já que estamos em um balneário", declara.

Aos 72 anos, Julio continua uma referência quando se fala de *savoir vivre* e elegância. É constantemente procurado por novos estilistas em busca de conselhos e opiniões antes do lançamento de suas coleções. Maxime Perelmuter, da British Colony, é um dos que não dispensam os conselhos de Julio Rêgo. "Minha moda é antiga, conservadora e tradicional, porém isso não me impede de apreciar a moda jovem", pontua.

Entre suas preferências estão ícones clássicos do bem vestir como abotoaduras, suspensórios, sapatos bicolores, chapéus e óculos. Julio conta que pouquíssimas pessoas sabem usar abotoaduras da maneira correta e é até difícil encontrá-las para comprar. Sua paixão por óculos, aliás, o levou a lançar sua própria marca, há dois anos, com o amigo Arnaldo Gonçalves. "Quando fui diagnosticado com catarata nas duas vistas fiquei em pânico e sem saber o que fazer com a minha coleção de mais de 100 pares de óculos e decidi vendê-los após a operação." O resultado é que em dois dias foram todos vendidos. "Diante de tanto sucesso decidimos lançar uma linha assinada por mim e temos tido bastante sucesso", comemora.

LODUCCA

NÃO GASTE ÁGUA, INVISTA.

CHEGOU O BANCO CYAN.

AQUI, A MOEDA SÃO LITROS DE ÁGUA.

VOCÊ ECONOMIZA ÁGUA = ACUMULA PONTOS NO BANCO = GANHA DESCONTOS EM COMPRAS

banco CYAN

Sim, criamos um banco. Um banco que vai premiar seus clientes pela economia de água. É o Banco CYAN. Nesse banco você terá uma conta-corrente e nela poderá depositar cada litro de água economizado.

Esse saldo de economia de água da sua conta será revertido em pontos que poderão ser trocados por descontos em sites como Americanas.com, Submarino e outros.

Saiba como abrir uma conta pelo site bancocyan.com.br. Porque não há lugar melhor que um banco para cuidar de algo tão valioso.

ABRA HOJE MESMO UMA CONTA.
BANCOCYAN.COM.BR

Onde você já pode usar seus pontos do Banco CYAN

AMERICANAS.com submarino BLOCKBUSTER shoptime

Apoio

sabesp

Iniciativa

movimento CYAN ambev

Milagre dos peixes

por Julia Santhiago

São Pedro foi um dos doze apóstolos de Cristo, mas, antes de seguir a fé, Pedro se chamava Simão e era um simples pescador na Galileia. Ao ser fundada a Igreja foi nomeado seu primeiro chefe e ganhou as chaves do reino dos céus. Desde então, tornou-se o padroeiro dos pescadores e, como não podia deixar de ser, o tradicional mercado de peixes de Niterói leva o seu nome. Funcionando há 33 anos na Ponta da Areia, o mercado arrebata uma legião de fiéis, nesse caso, os que fazem o culto à gastronomia. É para comer rezando!

SEJA VISTO POR MAIS DE 10.000
PESSOAS POR SEMANA
VISA
VISA
VISA
VISA
Italia
PEIXARIA

Uma ida ao Mercado São Pedro é uma ótima opção para quem quer comprar peixes e frutos do mar de qualidade a um preço bem razoável. Sem esquecer, claro, que sempre vale uma pechinchada. Ideal é ir bem cedinho, quando as toneladas de peixe chegam diretamente dos barcos e percorrem calmamente seus 40 boxes. É um prazer ver todos aqueles tesouros: dourados, chernes, robalos, corvinas, pintados, lagostas, camarões, xereletes, trilhas, polvos, anchovas, lulas e muito mais. Olhar tudo isso já antecipa os prazeres de refeições vindouras. Mas se a ideia é saciar logo o apetite, uma ida ao segundo andar será a solução. Lá existe um outro ambiente, formado de bares e pequenos restaurantes, onde se pode comer a iguaria escolhida. Não espere, no entanto, sofisticação. No local a informalidade impera. Mas o que vale é a qualidade e a gentileza de todos.

O mercado, segundo seus vendedores, recebe de quatro a cinco mil pessoas por semana que compram, em média, 30 toneladas entre peixes e frutos do mar. "Aqui o freguês pode escolher o pescado na hora e levar para o restaurante. Ele é bem servido e encontra uma mercadoria diferenciada porque, além de trabalharmos com peixes pescados durante a noite anterior, também vamos às colônias de pescadores de Cabo Frio, Arraial do Cabo, Angra dos Reis e Macaé para buscar o melhor.

Procuramos manter a qualidade porque assim o freguês aprova, volta e ainda faz a propaganda de boca a boca, que é a melhor que existe", explica o comerciante Felipe, filho de Francisco Mota, conhecido como Chiquinho, que tem três boxes no mercado.

Para quem deseja fazer uma incursão pelo mercado, o horário de funcionamento é de terça a sexta, das 6h às 18h; aos sábados, das 6h às 16h; e aos domingos, das 6h às 13h. No entanto, a grande maioria dos clientes vem da cidade do Rio de Janeiro, nas manhãs de sábado. Mestre Monarco da Portela é um dos frequentadores que não dispensam a qualidade do peixe consumido. O sambista diz que é exigente e sabe ver de longe se o peixe é bom ou não. A habilidade, ele desenvolveu nos tempos em que era feirante no extinto Mercado da Praça XV. "Trabalhei nos anos 1950 com peixes fresco e congelado na barraca do Cheiroso – que depois foi presidente da Império Serrano –, e tinha várias outras na época. Aprendi

Monarco

"Trabalhei nos anos 1950 com peixes fresco e congelado na barraca do Cheiroso – que depois foi presidente da Império Serrano –, que tinha várias outras na época. Aprendi com pescadores antigos a identificar os peixes bons"

18.00
16.00
LINGUADO
28.00
SALMÃO
INTEIRO
24.00
KILO
SALMÃO
POSTA
28.00
13.99
BADEJO
SÓ POSTA
19,99
KILO
20.00

O mercado, segundo seus vendedores, recebe de quatro a cinco mil pessoas por semana que compram, em média, 30 toneladas entre peixes e frutos do mar

com pescadores antigos a identificar os peixes bons", lembra. Embora seja grande apreciador de frutos do mar, sua especialidade é preparar peixada. "Sei fazer uma muito boa e para isso vou a Niterói, porque o peixe de lá é fresco." Entre as preferências de Monarco estão corvina, pescadinha e o badejo. "Dá uma boa peixada", recomenda. Dica de quem entende!

O local também é ponto de encontro de *chefs* e donos de restaurantes estrelados que visitam o lugar em busca de matéria-prima para suas requintadas receitas. Denise Leal, proprietária do restaurante Afrânio, em Araras, vai toda semana ao mercado em busca de produto de qualidade. "Procuro adquirir no mesmo fornecedor. Vale a pena comprar lá devido à qualidade dos produtos e ao preço, que é mais em conta também.

"O fornecedor entrega aqui diariamente cerca de 100kg de peixe. Fizemos uma pesquisa de mercado e chegamos à conclusão de que é o melhor lugar para comprar pescado"

Antônio Rodrigues
Sócio-gerente do
restaurante japonês Yumê

Camarão, polvo e cavaquinha são os produtos que uso no restaurante. Apesar de estarmos localizados na Serra de Petrópolis, os pratos com frutos do mar são muito apreciados." Antônio Rodrigues, sócio-gerente do restaurante japonês Yumê, também é comprador do Mercado São Pedro. "O fornecedor entrega aqui diariamente cerca de 100kg de peixe. Fizemos uma pesquisa de mercado e chegamos a conclusão de que é o melhor lugar para comprar pescado", conta Antônio, que é cliente há 10 anos.

mercado municipal da praça xv

Nos idos do século XVIII, a Praia de Manuel de Brito, que corria paralelamente à Rua 1º de Março, era ponto das canoas que encostavam para descarregar mercadoria ou transportar passageiros. Não havia, até então, um cais, que surgiria no governo do vice-rei D. Luís Vasconcellos. Próximo dali, formou-se, ainda na Colônia, um mercado cujo produto principal eram os peixes, além de verduras e legumes provenientes das plantações ao redor da baía.

www.casadosaber.com.br

CASA DO SABER RIO 5 ANOS PARCERIA SESC RIO

PATROCÍNIO INSTITUCIONAL

Santander

Embora em estado deplorável, o mercado supria grande parte do consumo local, mas o crescimento da cidade exigia um entreposto maior. Foi só na Regência, mais precisamente em 1825, que teria início a sua reforma, com a chegada da Missão Artística Francesa. Capitaneado por Grandjean de Montigny, foi construído um mercado que por muitos anos atendeu à cidade e onde se podia encontrar todo tipo de mercadoria: ervas, animais vivos, verduras, legumes e, claro, os pescados.

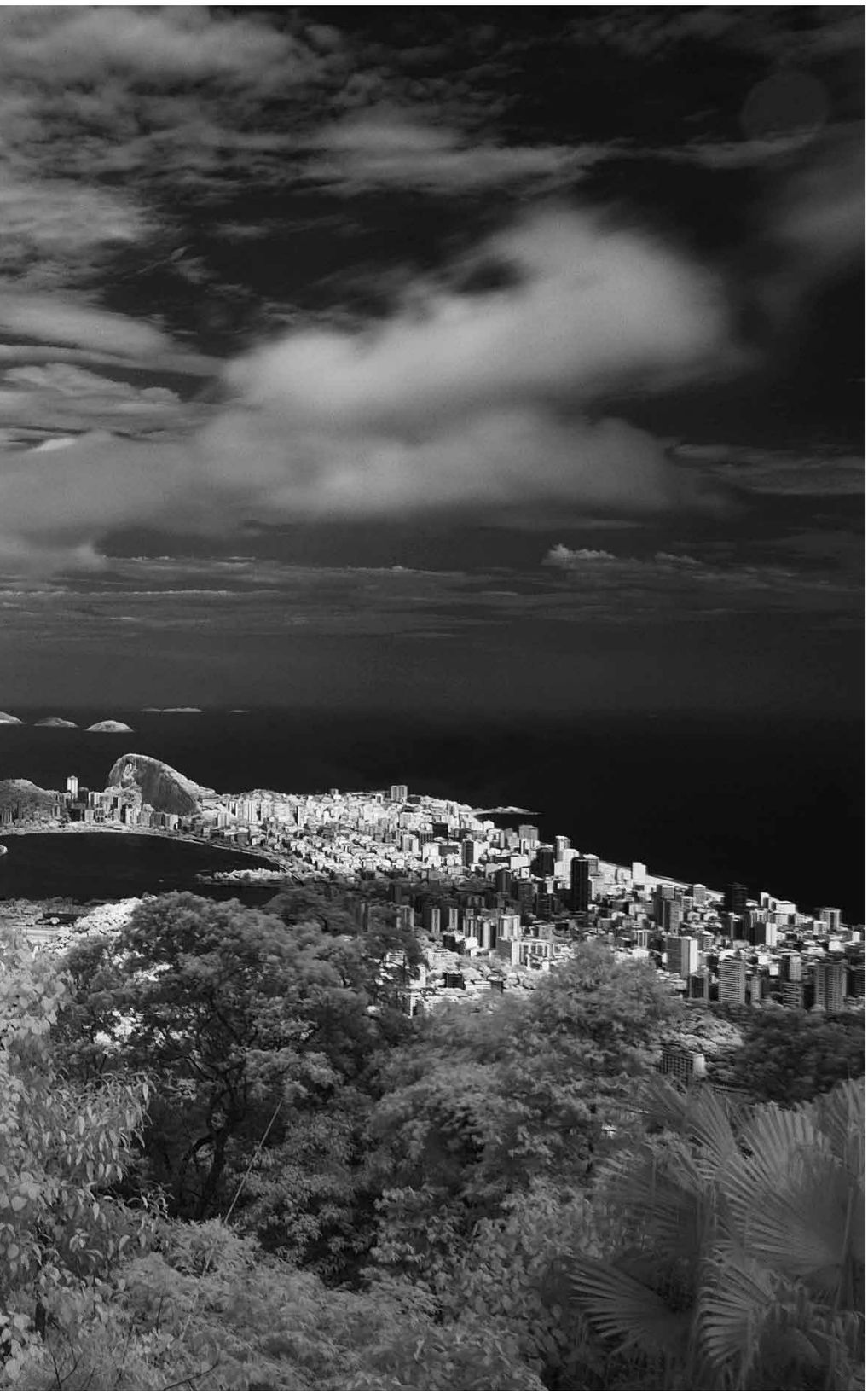
Com as reformas de Pereira Passos, o mercado seria demolido e daria lugar a outro, em 1907, com projeto de Alfredo Azevedo Marques. Desta vez, uma obra toda de ferro, vinda da Europa e com suas cinco belas torres: uma central, maior, e as demais em cada extremidade. A construção com seus mais de 20 mil metros tinha 16 ruas internas, oito radiais e oito transversais, com calçamento de paralelepípedos, e uma das extremidades, onde hoje fica a Bolsa de Valores, era o Mercado do Peixe. O Mercado da Praça XV também desapareceu e dele só resta uma das torres, a que abriga o restaurante Albamar.

Bloco do Peixe

Como samba e comida produzem uma alquimia perfeita, o Mercado São Pedro não poderia ficar de fora. Há cinco anos, José Augusto Monteiro, comerciante de verduras no mercado, organizou o "Bloco do Peixe". Logo todos aderiram e, atualmente, o bloco encerra oficialmente o carnaval de Niterói. O grupo sai sempre no primeiro domingo após o carnaval e anima as ruas do bairro Ponta da Areia, nos arredores do mercado. Puxado por uma banda e embalados por tradicionais marchinhas de carnaval, o bloco oferece também um trenzinho para os deficientes físicos. Durante o Carnamar, evento que abre as folias momescas de Niterói, o "Bloco do Peixe" premia os barcos mais alegres e bem decorados. Original, também, José Augusto Monteiro conta como tudo teve início. "Começamos com uma brincadeira e acabamos por fazer parte do calendário da cidade.É impressionante a proporção que o bloco atingiu. Ano passado tínhamos mais de três mil pessoas e, acredito que este ano serão muitas mais", conta José Augusto.

A cachaça que é uma verdadeira obra de arte.
O Sr. Guilherme Müller Filho, carinhosamente conhecido como Seu Ézio, fez da arte de destilar seu maior prazer e transformou a marca 51 na mais reconhecida cachaça do mundo. Dono de um paladar apurado, desenvolveu uma cachaça 100% envelhecida em barris de carvalho, perfeita em sabor, equilíbrio e cor, para fazer parte de seu acervo pessoal. Assim nasceu a Reserva 51, uma verdadeira obra de arte que se manteve em segredo por muitos anos e que agora, depois do falecimento de seu criador, chega ao mercado em tiragem limitada. Prepare-se para degustar com todos os sentidos cada detalhe desta obra-prima.
BEBA COM MODERAÇÃO
BRASIL
51
RESERVA
51
CACHAÇA EXTRA PREMIUM
100% Envelhecida em
Barris de Carvalho
700ml
Indústria Brasileira
www.reserva51.com.br

Imagens do inconsciente carioca



Rio, pletora de cores, aquarela de consanguinidades, suspiro, cristal, prismas, sons imaginários, chicabom, geografia fractal, rastos, restos, pão de fel e glacê, larvas e lavas glaciais, hipérboles, matizes, martas, rochas, arabescos ambientais, varizes, crisálidas, piche, púbis, jarras, jorros, lágrimas, turmalina, angulosidades rubiáceas, biscuit, relicário, bonsai, bundas, silhuetas seminais, fevereiro e março, ponto de mutação, bronze, Morro do Alemão.

Abre-te, Pandora!

ensaio fotográfico de

Renan Cepeda

* As fotos aqui apresentadas são inéditas e fazem parte do livro "Night Paintings". Todos os efeitos são produzidos no ato fotográfico, sem nenhum tipo de manipulação posterior.

Bebeto bom de bola

Carlos Alberto Gouvêa Chateaubriand
Presidente MAM Rio

Sou carioca da gema, de Copacabana, ou melhor, como diz meu amigo Carlinhos (Lyra): sou carioca de algema. Duas paixões acompanham minha vida desde cedo: as artes plásticas, que me envolvi em função de meu pai, Gilberto Chateaubriand, e jogar vôlei na praia, o que faço até hoje, no Posto 6, onde possuímos uma rede.

Sempre tive profunda admiração e amor pelo Rio e, felizmente, hoje, a cidade está num momento excelente. O Rio tem um potencial inacreditável, senão já teria acabado. Em termos de artes plásticas, podemos afirmar que 80% dos artistas que estão brilhando, com carreiras internacionais sólidas, formaram-se aqui no Rio, no Parque Lage.

Há várias ações em andamento aqui no MAM, embora o trabalho com cultura no país seja bem complicado, em especial para museus como esse que não recebem nenhuma verba governamental. E a situação é um pouco perversa, porque todas as grandes empresas, à exceção da Petrobras, têm os seus centros culturais, e o dinheiro, claro, vai todo para eles. Defendo a tese de que, dos 4% da Lei Rouanet, 2% deveriam ser destinados a instituições que mantêm acervo, como o Museu Nacional de Belas Artes, a Cinemateca Brasileira, a Biblioteca Nacional, entre outros. Essas instituições são as guardiãs, de fato, de todo o patrimônio cultural do país.

Nossos gastos anuais chegam a mais de um milhão de reais. Em artes plásticas, nosso acervo soma 15 mil obras. Na cinemateca, 16 mil latas de filmes, além de uma reserva técnica para cada um. E cada um com suas especificidades: para filmes em preto e branco, conservação de três a cinco graus. Cada rolo tem que ser rebobinado uma vez por ano. Uma vez fiz as contas e, se tivéssemos pessoal em turnos de 24 horas, incluindo os sábados e domingos, conseguiríamos rebobinar só quatro mil rolos num ano inteiro.

O restauro do museu fica pronto em abril. Com isso, o Bloco Escola vai voltar a ser usado dentro da sua finalidade. Vamos fazer mesas-redondas, *workshops* etc. Só não vamos retomar as oficinas de arte e cinema, pois não acho justo competir com a Escola do Parque Lage. Ela é, com certeza, a mais importante escola de arte da América do Sul. Então, eles formam e nós mostramos.

Até o fim do ano vamos iniciar a construção do anexo, com sete mil metros quadrados, aprovado por unanimidade pelo IPHAN e que será realizado por Glauco Campello. A iniciativa, belíssima, integra-se ao projeto do Reidy. Como temos vários comodatos, o espaço vai abrigar a maior coleção privada de fotografias contemporâneas brasileiras, que é a de Joaquim Paiva. Além dessa, teremos uma sala permanente com a coleção Marcoantônio Vilaça. O anexo incluirá ainda uma nova biblioteca, um auditório e mais um espaço expositivo para artistas jovens.

Com as mudanças previstas pela prefeitura, com a retirada dos clubes e da Infraero, de desocupação dos prédios da Varig, esse espaço será revitalizado com shopping e vagas subterrâneas. A minha ideia, com isso, é fazer nessa área externa um parque de esculturas.

Estamos muito animados com todas essas novidades e com a programação do museu, que este ano terá uma importante mostra de Louise Bourjois, que inclui a grande aranha, que ficará na beira do Aterro e, ainda, uma exposição de José Resende. E para 2012, já temos confirmado Alberto Giacometti.

Mais força para o Rio.

EURO RSCG RIO

R$ 500 MILHÕES INVESTIDOS NA REDE ELÉTRICA SOMENTE EM 2010: MAIS QUALIDADE E SEGURANÇA.

A Light está realizando diversas obras em toda a sua área de concessão. Em 2010 foram investidos R$ 500 milhões na rede elétrica. As obras melhoraram a energia fornecida, aumentaram a segurança da rede e atenuaram o risco de interrupção de energia. E em 2011 a Light continua investindo para trazer ainda mais força para o Rio.

Light

O RIO É LIGHT

Agência Virtual ou Clique-Light (www.light.com.br);
Disque-Light 24 horas (0800 282 0120) e Agências Comerciais.

BRADESCO. A MARCA MAIS VALIOSA DO BRASIL E A 6ª MAIS VALIOSA DO MUNDO ENTRE AS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS.

MARCAS MAIS VALIOSAS

BANCO	VALOR DA MARCA	EM BILHÕES DE US$
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
BRADESCO (BRASIL)		**18,678**
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]

FONTE: BRAND FINANCE

O Bradesco é Presença no ranking The Top 500 Banking Brands da revista inglesa The Banker como o Banco brasileiro com a marca mais valiosa do País e a 6ª mais valiosa do mundo, segundo estudo da consultoria Brand Finance. Alcançada com a colaboração de seus mais de 95 mil funcionários, essa conquista é resultado da atuação do Bradesco nos mais diversos segmentos do mercado, marcada pela qualidade e valorização de todos os públicos com os quais o Banco se relaciona. Tudo isso alinhado às iniciativas que contribuem para o desenvolvimento sustentável do Brasil, promovendo a inclusão bancária e o acesso ao crédito. Isso é Presença. E Presença é estar lado a lado.

NEOGAMA/BBH

Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiente Auditivo ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933

bradesco.com.br

Bradesco